

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

GABRIELA DE OLIVEIRA VIEIRA

**ADAPTAÇÃO PARA NOVOS LEITORES: como a literatura clássica
adaptada fornecida às escolas do ensino público e utilizada
pelos professores no processo de ensino estimula a leitura de
obras originais**

**Porto Alegre
2010**

GABRIELA DE OLIVEIRA VIEIRA

ADAPTAÇÃO PARA NOVOS LEITORES: como a literatura clássica adaptada fornecida às escolas do ensino público e utilizada pelos professores no processo de ensino estimula a leitura de obras originais

Monografia apresentada ao departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para aprovação na disciplina BIB03037 - Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientadora: Prof^a. Eliane Lourdes da Silva Moro.

**Porto Alegre
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Prof. Bel. Ricardo Schneiders da Silva

Vice-Diretora: Prof.^a Dra. Regina Helena Van der Lann

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof.^a Dra. Ana Maria Moura

Vice-substituta: Prof.^a Dra. Helen Beatriz Frota Rozados

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Prof.^a MS. Glória Satamini Ferreira

Coordenadora Substituta: Prof.^a Dra. Samile Vanz

V657a Vieira, Gabriela de Oliveira

Adaptação para novos leitores: como a literatura clássica adaptada fornecida às escolas do ensino público e utilizadas pelos professores no processo de ensino estimula a leitura de obras originais/ Gabriela de Oliveira Vieira; orientação [por] Eliane Lourdes da Silva Moro. Porto Alegre: UFRGS/FABICO, 2010.

110 f. :il

1. Adaptação literária 2. Literatura clássica 3. Leitura I. Moro, Eliane Lourdes da Silva II.Título.

CDU 028.5

Bibliotecária: Aline de Medeiros Weibert CRB 10/1977

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705

Campus Saúde

Bairro Santana

Porto Alegre-RS

CEP: 90035-007

Telefone: (51) 3316-5067

Fax: (51) 3316-5435

E-mail: fabico@ufrgs.br / dcf@ufrgs.br

Dedicatória

Dedico este trabalho aos amados Max Herbert Lemos Vieira e Helena Maria de Oliveira Vieira. Pais, simples palavra, imenso significado, cúmplices.

Agradecimentos

Ao apoio de minha família e amigos no percurso transcorrido até aqui.

À Eliane Moro, por sua inestimável e valorosa orientação.

À Jussara Pereira Santos, pelos preciosos esclarecimentos.

À Direção do Colégio Estadual Professor Nicolau Chiavaro Neto, que apoiou o projeto e cedeu o seu ambiente educacional para que fosse aplicado.

Ao professor Jorge Froés, sem ele, a aplicação do projeto não seria viável.

Aos alunos do Colégio Estadual Professor Nicolau Chiavaro Neto que, de forma valiosa, contribuíram para o término do trabalho.

Ao escritor, adaptador e professor Paulo Seben Azevedo, por ter aceitado prontamente ser entrevistado e contribuído com sua tese de doutorado.

A Marcelo Avila Marques, que seu apreço pela literatura continue a influenciar outros leitores.

À Cyntia Wessfll, por saber compartilhar seus conhecimentos e ser uma verdadeira amiga.

À Terezinha Alves de Oliveira, minha tia-avó, pelo apoio no processo de alfabetização e incentivo à leitura.

“Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado: mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva à sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los”.

Ítalo Calvino

RESUMO

Este trabalho verifica como a literatura clássica adaptada fornecida às escolas do ensino público e utilizadas pelos professores no processo de ensino estimula a leitura de obras originais. Apresenta como contexto de estudo a instituição educacional Colégio Estadual Professor Nicolau Chiavaro Neto e Biblioteca. Expõe a análise das adaptações literárias que são enviadas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), às bibliotecas escolares, com base na coleção “É Só o Começo”. A metodologia aplicada tem como foco a pesquisa qualitativa alicerçada em um estudo de caso que apresenta como instrumento de pesquisa entrevistas semiestruturadas. O estudo determina como sujeitos um adaptador, um professor e oito alunos-leitores, sendo dois do gênero masculino e seis do gênero feminino. Relata como resultados através de análise da coleta de dados realizada, a viabilidade da utilização de adaptações literárias no Ensino Fundamental, a aceitação das obras adaptadas pelos educadores e educandos e o interesse pelas obras originais.

Palavras-chaves: Leitura. Adaptações literárias. Literatura clássica.

ABSTRACT

This work verifies how adapted classic literature is given to public schools and is used by teachers in the teaching process to encourage the reading of the original books. This is presented in the context of a study of the educational institution Colégio Estadual Professor Nicolau Chiavaro Neto e Biblioteca. It exposes the literary adaptations that are sent by the Ministério da Educação e Cultura (MEC), to the library schools, based on the collection “É Só o Começo” (It is just the Beginning). The methodology applied focused on qualitative research supported by a case study that used semi-structured research interview as a tool. The subjects of this study were an adapter, a teacher, and eight student-readers, two of which were male and six female. The results from the analysis of the collected data indicated the viability of using these literary adaptations for fundamental education, and the acceptance of these adapted books by the educators and students and the interest for the original books.

Key-words: Reading. Literary adaptations. Classic literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Capa da obra “Dom Quixote” (primeira edição).....	103
FIGURA 2 – Capa da obra “Dom Quixote” (versão traduzida).....	104
FIGURA 3 – Capa da obra “Dom Quixote” (versão adaptada).....	105
FIGURA 4 – Capa da obra “Romeu e Julieta” (eddição do Ministério da Educação e Saúde).....	106
FIGURA 5 – Capa da obra “Romeu e Julieta” (versão traduzida).....	107
FIGURA 6 – Capa da obra “Romeu e Julieta” (versão adaptada).....	108
FIGURA 7 – Página da obra “Dom Quixote” (versão adaptada).....	109
FIGURA 8 – Página da obra “Dom Quixote” (versão adaptada).....	110
FIGURA 9 – Página da obra “Dom Quixote” (versão adaptada).....	111
FIGURA 10 – Página da obra “Dom Quixote” (versão adaptada).....	112

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Títulos originais disponíveis na Biblioteca da coleção “É só o Começo”	24
QUADRO 2 – Desenvolvimento da Aprendizagem e Conhecimento do Ser Humano.....	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALPAC – Associação Latino-americana de Pesquisa e Ação Cultural

CBL – Câmara Brasileira do Livro

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

MEC – Ministério da Educação e Cultura

IFLA – Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias

IPL – Instituto Pró-Livro

LPP – Laboratório de Políticas Públicas

OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola

PPGL – Programa de Pós-Graduação em Letras

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

SESC – Serviço Social do Comércio

SESI – Serviço Social da Indústria

SNEL – Sindicato Nacional dos Editores de Livros

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO.....	17
3 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA.....	19
4 OBJETIVOS.....	20
4.1 Objetivo Geral.....	20
4.2 Objetivos Específicos.....	20
5 CONTEXTO INSTITUCIONAL.....	21
5.1 Colégio Estadual Professor Nicolau Chiavaro Neto.....	21
5.2 Biblioteca Escolar do Colégio Estadual Professor Nicolau Chiavaro Neto.....	22
6 LITERATURA: uma busca pela arte.....	25
6.1 Imagem nos Livros de Literatura Infanto-juvenil: aspecto visual das adaptações.....	26
6.2 Sobrevivência da Literatura: uma verdade para utilização de adaptações literárias?.....	27
6.3 A Importância do Estilo Literário Para Ter Uma Obra Clássica.....	30
7 ADAPTAÇÃO x TRADUÇÃO.....	32
8 PANORAMA DA LITERATURA NO BRASIL.....	37
8.1 Construção Intelectual do Estudante: instituição educacional participante ativa e propulsora da leitura.....	39
8.2 Padrão de Medida de Desempenho em Leitura.....	40
8.3 Níveis e Fases da Leitura: segundo Piaget, Vygotsky e Erickson.....	41

9 POR QUE LER CLÁSSICOS?	49
9.1 Ensino Escolar: agregando adaptações literárias de obras clássicas.....	51
9.2 Profissão: adaptador.....	55
10 NEOLEITORES: coleção “É só o Começo”	57
11 OBRAS ANALISADAS DA COLEÇÃO “É SÓ O COMEÇO”	58
11.1 Romeu e Julieta: William Shakespeare.....	58
11.2 Dom Quixote: Miguel de Cervantes Saavedra.....	60
12 PRESSUMPOSTOS METODOLÓGICOS	67
12.1 Tipo de Pesquisa.....	68
12.2 Sujeitos.....	68
13 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	69
14 ANÁLISE DOS DADOS	71
14.1 Análise dos Dados: entrevista com alunos-leitores.....	71
14.2 Análise dos Dados: entrevista com o professor.....	77
14.3 Análise dos Dados: entrevista com o adaptador literário.....	82
15 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	89
APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM LEITORES DAS OBRAS LITERÁRIAS ADAPTADAS	95
APÊNDICE B – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM DOCENTE J. F.	97
APÊNDICE C – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM ADAPTADORES DA COLEÇÃO “É SÓ O COMEÇO”	99

ANEXO A - CAPAS DAS OBRAS “DOM QUIXOTE”.....	101
ANEXO B - CAPAS DAS OBRAS “ROMEU E JULIETA”	104
ANEXO C - PREZADO LEITOR, PREZADA LEITORA.....	107
ANEXO D - ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS.....	108

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo se propõe analisar as adaptações literárias que são enviadas pelo governo, mais especificamente pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), às bibliotecas escolares. A avaliação com base nos leitores destas obras centra-se na construção de um diagnóstico abrangente, que permita identificar, compreender e ampliar o conhecimento sobre práticas leitoras com adaptações literárias clássicas, visando o incentivo proporcionado com a leitura para que haja interesse pela obra original.

A ideia de uma pesquisa sobre o uso de obras literárias adaptadas clássicas com alunos de Ensino Fundamental surgiu com a observação no ambiente em que trabalho¹. Pré-adolescentes e adolescentes alugam, com frequência na Biblioteca, livros adaptados da literatura clássica sem o pré-conhecimento das diferenças existentes entre a obra original e a adaptada. Obras adaptadas são cobradas nas redes escolares, por professores, sem o mínimo de critério de uso e esclarecimentos ao educando sobre o intuito de sua leitura.

Objetivando verificar se as adaptações da literatura clássica estimulam ou não a leitura das obras originais, o referencial teórico, para melhor entendimento, foi dividido em seis momentos. Inicialmente é exposto o contexto da instituição em que foi realizada a pesquisa. No segundo momento, explana-se sobre a literatura, o contexto das adaptações literárias no Brasil. No terceiro, aspectos relevantes entre adaptação e tradução literária. No quarto, apresenta os níveis e fases da leitura como orientação para pais, educadores e bibliotecários que auxiliam no desenvolvimento humano da aprendizagem e conhecimento no acesso à leitura. No quinto, a literatura clássica, como esta é inserida no sistema de ensino no Brasil. No sexto momento, é realizada a análise das obras adaptadas e originais que fazem parte da aplicação da investigação.

A metodologia adotada baseia-se em uma pesquisa de caráter qualitativo, constituindo-se em um Estudo de Caso. O desenvolvimento do trabalho se realizou no Colégio Estadual Professor Nicolau Chiavaro Neto, com duas turmas de sétima

¹ Biblioteca SESC Vale do Gravataí, Rua Anápio Gomes, 1241, localizada no centro de Gravataí/RS.

série, visando à análise do estímulo proporcionado pelas obras adaptadas para a leitura do original.

Como instrumentos de coleta de dados utilizaram-se entrevistas semiestruturadas com quatro alunos de cada turma (Apêndice A), com o professor responsável pelas turmas (Apêndice B) e com adaptadores da coleção “É só o Começo” (Apêndice C). O projeto de leitura de clássicos adaptados da literatura - apresentado e aprovado pela supervisão do Colégio - foi aplicado com apoio do professor responsável pelas turmas.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

O mercado editorial de adaptações literárias aos poucos vem se firmando e a utilização de adaptações de obras clássicas em sala de aula é um fator que gradativamente se percebe como uma realidade no ensino, tanto no público quanto no privado. O Ministério da Educação e Cultura (MEC) vem enviando diversos volumes literários adaptados ao ensino público, desta forma, o presente trabalho destina-se a análise de como esses podem contribuir para o estímulo à leitura das obras originais², através de sua utilização em sala de aula com alunos do Ensino Fundamental. Idealiza-se que o trabalho realizado nas escolas com as obras literárias adaptadas deva estimular a leitura dos textos originais e não substituí-los.

A adequação das escolas à realidade brasileira é um fator que se percebe gradativo, onde as necessidades educacionais sofrem com a desigualdade social e o professor vê-se diante de um dilema frente às práticas de ensino. Nesse contexto, surgem as adaptações literárias, com intuito de resgatar as obras clássicas da literatura.

O fato das adaptações literárias serem uma novidade no mercado editorial, onde não há grandes estudos em torno do assunto, ocasiona diversas discussões a respeito de seus malefícios e benefícios. Muitas são as publicações de péssima qualidade - voltadas simplesmente para o consumo imediato -, assim como, editoras conceituadas por sua qualidade. A indústria de consumo percebeu neste campo um terreno fértil, pois há aquiescência por parte de docentes a obras clássicas adaptadas.

As obras que subsidiam o estudo fazem parte da coleção “É só o começo”, que visa à adaptação literária para neoleitores. A coleção faz parte do projeto de valorização do livro, sendo uma iniciativa do Serviço Social da Indústria (SESI). No processo, o projeto recebeu incentivo e auxílio da Unesco, Programa Brasil Alfabetizado, do MEC, e do programa Brasil – “Um País de Todos”, do Governo Federal -, além do SESI e do seu Conselho Nacional.

² Deve ser compreendido que quando discorro sobre a leitura da obra original, tenho consciência que muitas obras clássicas adaptadas são de autores estrangeiros, e que a leitura em sua língua vernácula, para muitos, será impossível. Quando friso esta leitura, objetivo o interesse do leitor em se aproximar cada vez mais desta, de interessar-se realmente pela obra.

A coleção “É só o Começo” foi publicada em 2003 pela L&PM Editores, pensando-se na alfabetização de um público jovem e adulto. Hoje, percebe-se sua inclusão no acervo literário de Bibliotecas Escolares pelo país, composta por nove títulos e autores de distintas nacionalidades. O presente estudo concretizou-se na instituição educacional do município de Gravataí, Colégio Estadual Professor Nicolau Chiavaro Neto com duas obras que compõem a coleção: “Dom Quixote”, de Miguel de Cervantes Saavedra e “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare.

3 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

É fato a inserção de obras clássicas adaptadas em escolas da rede pública e privada. O sucesso destas obras advém, principalmente, por estarem amparadas pelo MEC, que as compra e distribui. Suas listas literárias acabam servindo como indicação para outras instituições educacionais. Ciente desta realidade, foi apresentada a mim a oportunidade de expor minuciosamente um estudo dirigido ao uso que se faz das obras clássicas adaptadas, com intuito de registrar o estímulo, ou não, proporcionado aos estudantes para a leitura da obra original.

Por isso, o problema de investigação se constitui na pergunta investigativa:

As adaptações de literatura clássica cedidas pelo SESI, com apoio do Ministério da Educação e Cultura às bibliotecas escolares de instituições educacionais públicas, utilizadas pelos professores nas atividades com alunos de 7ª séries do Ensino Fundamental, estimulam à leitura das obras originais?

4 OBJETIVOS

Os objetivos que norteiam o estudo relacionam-se ao uso de adaptações de obras clássicas enviadas às Bibliotecas Escolares da rede pública. Os objetivos deste Estudo são os seguintes:

4.1 Objetivo Geral

Verificar se as adaptações de literatura clássica doadas pelo SESI às bibliotecas das escolas públicas com apoio do Ministério da Educação e Cultura e utilizadas pelos professores nas atividades com alunos de 7ª séries do Ensino Fundamental estimulam a leitura das obras originais.

4.2 Objetivos Específicos

- a) selecionar e analisar duas obras adaptadas de literatura da coleção “*É só o Começo*”;
- b) identificar a receptividade dos alunos à leitura das obras;
- c) verificar se as adaptações de literatura estimulam as leituras das obras originais pelos leitores.

5 CONTEXTO INSTITUCIONAL

O contexto institucional do estudo se faz importante, pois em sua totalidade consistiu o desenvolvimento do mesmo. A instituição educacional e sua biblioteca caracterizam um fator de extrema importância para a comunidade a qual atende. O desenvolvimento do trabalho educacional realizado pela instituição depende do conjunto econômico, social e cultural no qual está inserida.

O setor da biblioteca é o mais defasado das unidades educativas públicas do Brasil. Os trabalhos desenvolvidos por ela repercutem diretamente no aprendizado do aluno e em seu interesse pela leitura.

5.1 Colégio Estadual Professor Nicolau Chiavaro Neto

O documento denominado “Regimento Escolar”³, elaborado em 2001 pelo Colégio Estadual Professor Nicolau Chiavaro Neto, decreta que o objetivo geral que norteia os trabalhos desenvolvidos pela instituição, seja: “Oportunizar condições que favoreçam a formação integral do educando”, utilizando-se para isso, as seguintes habilidades e competências: domínio da leitura e da escrita; capacidade de analisar, sintetizar e interpretar fatos e situações; capacidade de fazer cálculos e resolver problemas; saber comunicar-se; capacidade de compreender e atuar em seu entorno social; receber criticamente os meios de comunicação; capacidade de localizar, acessar e usar melhor a informação acumulada; capacidade de planejar, trabalhar e decidir em grupo; adquirir gosto pela aprendizagem permanente; aumentar a criatividade e senso artístico e desenvolver o senso científico.

Fundado em 01 de fevereiro de 1991 pelo Decreto de Criação nº 33842, tem como Portaria de Autorização de Funcionamento e Designação nº 00330 de 12 de março de 1991- D.O. 25 de março de 1991. O Colégio localiza-se na rua Cônego Pedro Wagner, s/nº, no centro de Gravataí. No ano de sua fundação, assumiu a

³ Documento elaborado objetivando expor tudo que faz parte do regimento do Colégio, como orientações pedagógica, avaliação, Conselho Escolar, entre outros.

direção do Colégio a professora Anita Ortiz Correa. Atualmente, encontra-se sob responsabilidade da profissional Tânia Lopes.

A instituição oferece Ensino Fundamental e Médio, com trinta e três turmas divididas em três turnos: manhã, tarde e noite. Possui como público-alvo alunos da classe média baixa. O Conselho Escolar, formado por segmentos da comunidade, serve de apoio à direção no que diz respeito aos aspectos administrativos, pedagógicos e financeiros. Existem outras parcerias com o Colégio, como o Círculo de Pais e Mestres, que trabalha em prol de melhores condições de funcionamento do ambiente escolar.

Os projetos pedagógicos visam atividades em diversas áreas, através de projetos interdisciplinares, incentivando o esporte, a cultura e as atividades sociais, interna e externamente. Eventos são realizados na comunidade, objetivando a cultura e lazer (desfiles, caminhadas ecológicas e pela paz no trânsito, festas, participação e torneio, visitas à Feira do Livro e ao Ginásio de Esportes Só Lazer).

O Colégio, portanto, objetiva, juntamente com a família, a formação de valores humanos e éticos que desenvolvam o educando como um todo, tornando-o um indivíduo capaz de ser a força propulsora da sociedade.

5.2 Biblioteca Escolar do Colégio Estadual Professor Nicolau Chiavaro Neto ⁴

A Biblioteca do Colégio encontra-se em um espaço físico reaproveitado. O refeitório divide, hoje, seu ambiente com um Laboratório de Informática e uma Biblioteca. Os três ambientes convivem com a falta de espaço, já que os aglomeraram em uma área única. O Colégio padece com a falta de bom senso, já que há ordens de fazer estes e outros ambientes sem a infraestrutura adequada para recebê-los. Hoje, está se construindo uma sala de aula para vinte estudantes, em uma área duvidosa para o bem estar destes, a quantidade de matrículas extrapola a capacidade física do colégio.

⁴ Obtive informações sobre a Biblioteca da instituição com a Direção do Colégio Estadual Professor Nicolau Chiavaro Neto.

A Biblioteca da entidade não possui denominação e constam no quadro de funcionários três docentes em readaptação de função, nenhum com conhecimentos biblioteconômicos.

O acervo da Biblioteca é composto por cinco mil livros e é dividido em: literaturas infantis, infanto-juvenil, literatura paradidáticas e obras diversificadas e atualizadas, que contemplam o Ensino Fundamental e o Médio. Não há catalogação ou classificação do acervo. O único documento que a Biblioteca possui, para certa organização, é o Livro Registro em que as obras recebem um número sequencial à medida que são recebidas; não há separação por assunto, somente nas prateleiras. No Livro Registro coloca-se a data, número de registro, título, autor e ano do volume recebido. Corpus referente à biblioteca é inexistente.

As obras de referência são compostas por: enciclopédias, dicionários e obras tidas como patrimônio da unidade. No tocante a quantidade de obras que não podem ser emprestadas, o número não chega a ser representativo.

A realidade desta biblioteca não difere da realidade de outras da rede pública de ensino. Unidades sem a mínima organização, onde os livros são entregues, mas os profissionais atuantes da biblioteca não recebem nenhuma orientação para trabalhar no setor. Orientações, que poderiam ser concernentes a: organização informacional, organização das obras nas prateleiras e Serviço de Referência. Elementos importantes em um ambiente que poderia ser um organismo atuante na instituição e não somente um depósito de livros com servidores que já não possam atuar nos cargos em que foram contratados.

Segue um quadro que objetiva apresentar as obras adaptadas da coleção “É só o Começo” enviadas pelo MEC à biblioteca do Colégio Estadual Professor Nicolau Chiavaro Neto, assim como, os originais e exemplares disponíveis aos leitores.

Título	Autor	Adaptador	Original disponível	Nº exemplares
Romeu e Julieta	William Shakespeare	Pedro Garcez	sim	1
Dom Quixote	Miguel de Cervantes	Fábio Bortolazzo Pinto	não	0
O Alienista	Machado de Assis	Sérgio Luís Fischer	sim	1
O Cortiço	Aluísio Azevedo	Fábio Pinto	sim	1

A Escrava Isaura	Bernardo Guimarães	Paulo Seben	não	0
Garibaldi Manoela: uma história de amor	Josué Guimarães	Jimi Joe	Não	0
Triste Fim de Policarpo Quaresma	Lima Barreto	Paulo Bentancur	sim	1
Robinson Crusóe	Daniel Defoe	Pedro Gonzaga	não	0
O Guarani	José de Alencar	Paulo Seben	sim	1

QUADRO 1 – Títulos originais disponíveis na Biblioteca da coleção “É só o Começo”
Fonte: Quadro compilado pela autora.

6 LITERATURA: uma busca pela arte

"Um livro é como uma janela. Quem não o lê, é como alguém que ficou distante da janela e só pode ver uma pequena parte da paisagem."

Kahlil Gibran

A literatura pode ser comparada à metamorfose, pois igualmente agrega diversas características que a vão modificando, aprimorando-a, mas sem negar suas fases anteriores. Pode-se perceber esta transição no próprio conceito de literatura com o passar dos anos, como esta se vale de colocações passadas para construir um novo conceito.

Algumas definições que foram dadas no decorrer dos tempos:

- a) na antiguidade
 - para Platão, a arte literária consistia na imitação (mimese) da realidade;
 - para Aristóteles, "literatura é a arte que cria, pela palavra, uma imitação da realidade";
 - para São Tomás, "arte literária é uma forma de conhecimento da realidade".
- b) na Era Moderna
 - até o século XVIII, a palavra literatura era usada com o sentido de gramática; a partir do século XVIII, a literatura passou a ser considerada como arte. Segundo Fidelino de Figueiredo, "arte literária é, verdadeiramente a ficção, a criação de uma supra-realidade, com os dados profundos, singulares da intuição do artista". (CASTRO, 1993, p.58).

A beleza da literatura consiste justamente na ideia de que esta não se restringe a um único padrão, sendo única e original em sua totalidade, onde as significações e mensagens da obra literária ficam a mercê do sujeito criador/autor.

O artista cria o texto de forma que ele se abra a várias interpretações e sentidos. O uso poético e emotivo da palavra vai além de sua significação básica e permite ao leitor descobrir novos caminhos para entender a mensagem. Aí reside toda a força da literatura: em sua capacidade de instigar o leitor a desafiá-lo, como em um jogo. (CASTRO, 1993, p. 58).

O ato de ler está diretamente ligado à identificação. O indivíduo lê vorazmente em busca de informações e situações que digam algo e que sincronizem com as vivências. Na fase infantil a ilustração está muito atrelada à leitura, hoje, têm-se estudos que abarcam o tema. A imagem acompanha e complementa o raciocínio. Na fase adulta, a leitura com auxílio já não se faz tão necessária, o leitor consegue formular suas próprias imagens, não precisa mais do reconhecimento do objeto, para ter mais compreensão do que está lendo.

6.1 Imagem nos Livros de Literatura Infanto-juvenil: aspecto visual das adaptações

As adaptações literárias infanto-juvenis utilizam, frequentemente, como subsídios para suas obras a ilustração, mesmo que a primeira versão não as contenha. Por estar voltada para um público não amadurecido literariamente, a obra necessita de subterfúgios para sua compreensão plena.

A ilustração é parte fundamental da leitura sensorial, pois através desta, crianças, pré-adolescentes e adolescentes expandem suas capacidades criativas, perceptivas e individuais. O ato de ilustrar propicia a reflexão, a pausa necessária para interiorizar o que está lendo, instiga a inventividade. Um indivíduo nunca lerá da mesma forma que outro, pois cabe a parte do “eu”, da subjetividade. O “eu” é tão importante que, sem esse, a leitura seria uma simples decodificação de dados, sem ponderação.

Há vertentes de estudiosos, que não acreditam no bem da ilustração, creem que estas inibem a imaginação, pois propiciam um cenário pronto, não dão margem para criação desta. É como ver um filme e depois ler o livro, por mais que não se queira, fica-se conectado às imagens do primeiro. Não cabe o papel de discutir quem está certo, o importante é que a ilustração traga sempre algo novo, que estimule a imaginação e que auxilie na compreensão do texto.

Em capas de obras literárias, a ilustração é utilizada como recurso, assim como também são fontes inesgotáveis de informações sobre a sociedade, cultura, saberes etc, de um determinado período da história do país. A título de exemplo, as capas de “Dom Quixote”, de Miguel de Cervantes Saavedra (Anexo A) e “Romeu e

Julietta”, de William Shakespeare (ANEXO B) encontram-se nos elementos pós-textuais do presente estudo. Nota-se que as primeiras imagens das publicações mostradas de cada título datam de uma época distante a nossa, sendo a primeira de 1605, reprodução da primeira edição de o “El Ingenioso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha” e a segunda é uma edição de 1940, publicado pelo Ministério da Educação e Saúde da obra “Romeu e Julieta”. A segunda capa exibida de cada seção é de uma coleção mais atual, ambas traduzidas. A terceira mostra as capas das obras adaptadas, que fazem parte do presente estudo.

Verifica-se que na comparação das capas dos três livros que cada uma sugere a sua finalidade e o público a qual se dirige. As ilustrações das adaptações remetem ao público mais jovem, justamente pela abundância de cores e um desenho mais engraçado (é só olhar para a fisionomia do cavalo) na obra “Dom Quixote” e um romantismo exacerbado em “Romeu e Julieta”, característica preferencial para a faixa etária em questão (11-14 anos).

A ilustração é um recurso comumente utilizado nas obras literárias voltadas para o público infanto-juvenil. O ilustrar uma obra, pretende ser um ponto de referência ao entendimento desta.

6.2 Sobrevivência da Literatura: uma verdade para utilização de adaptações literárias?

A boa literatura sobrevive, não graças ao tempo em que foi escrita, mas sim, pelos valores intrínsecos, estéticos e, principalmente, pela capacidade de corresponder-se com o público leitor. Independentemente da forma de como se apresenta, a obra literária possui capacidade de comunicação com leitores de distintas épocas, sua circulação, nos mais diversos meios, marca a cada releitura novas perspectivas ao leitor.

Os primórdios da literatura infantil brasileira encontram-se nas traduções e adaptações. O espaço infantil na literatura começou a ser delineado no século XIX, com a chegada da industrialização. Zilberman (1988) ressalta que, nos grupos sociais as crianças não eram percebidas como leitores em potencial, com necessidades diversas às dos adultos, elas participavam juntamente com estes de

rodas literárias. A literatura voltada para o universo infantil surge com as adaptações dos contos populares. Os Irmãos Grimm foram os mais conhecidos por esta prática, os contos foram “reformados”, a fim de se adequar ao contexto infantil.

A produção literária no Brasil antes de 1880 era exclusivamente de origem européia. Carl Jansen foi o primeiro tradutor e adaptador de obras voltadas para o público jovem no final do século XIX no país. Figueiredo Pimentel, também foi um dos tradutores/adaptadores dos volumes clássicos europeus. Neste período a literatura infantil tinha função pedagógica e doutrinária. As noções veiculadas às obras giravam em torno de questões éticas, morais, religiosas, cívicas e educacionais.

Lobato, no início do século XIX, passa a existir como um contraponto às ideias que imperavam no período quanto à literatura. Manifesta a preocupação com o tipo de leitura que estava sendo fornecido aos jovens.

Ao se deixar à margem a adaptação literária como objeto de estudo, com certeza, estar-se-á marginalizando do ponto de vista histórico um dos eixos da história da literatura infantil do ponto de vista teórico, o conhecimento de como se processa uma das formas de criação literária para crianças e jovens; e do ponto de vista crítico, deixa-se-á de avaliar essa produção que está inserida na formação de novos leitores e de verificar a sua validade. (CARVALHO, 2006, p.13).

Inconformado com as traduções para o público infanto-juvenil dominante na época, Monteiro Lobato, decide fazer as suas próprias traduções, que são na verdade, adaptações também, sem a rigidez imposta da literatura didática e moralizante. A autenticidade marca a nova fase da literatura para jovens, entram em cena tons mais coloquiais, próximos à realidade dos leitores, e recursos lingüísticos como onomatopéias e neologismos. Lobato dá início a um terreno fértil na literatura brasileira, que carecia de autores realmente preocupados com a causa de adequação da literatura para um público jovem.

Lobato foi também promotor e divulgador dessa literatura, desenvolvendo a viabilização da circulação do livro no país e a expansão editorial. Menotti del Picchia, José Lins do Rego, Viriato Correa, Érico Veríssimo também se dedicaram à produção infantil, mas não seguiram a linha lobatiana. (CORSO, 2007, p [s.n]).

Seguindo esta mesma linha de pensamento, Azevedo (1999), enquanto estudioso da contemporaneidade da leitura da poesia épica, sente-se como Lobato, amarrado ao medo de que a literatura clássica caia no esquecimento, devido ao linguajar que não cabe a realidade e vocabulário dos leitores jovens. Inconformado, a época de quando era professor de Literatura e Redação no Colégio IPA (Porto Alegre), relata a experiência, enquanto estudioso da poesia épica. Disponibilizou a cada aluno do Ensino Médio uma cópia de um canto do poema “O Uruguai”, de Basílio da Gama, para que eles marcassem um “X” na linha em que mais sentissem dificuldades de compreensão. Muitos acabaram assinalando quase que todo o texto e outros marcaram um “X” em toda a extensão da página. Esta atividade tinha como princípio averiguar quais os trechos que necessitavam de uma nova versão; com o resultado, ficou claro que a obra precisava de uma reformulação completa. “Não considere necessário tentar outra técnica nem outra população. A leitura espontânea já estava descartada, e era evidente que as mudanças tinham que ser drásticas” (AZEVEDO, 1999, p.45).

Cabe ao adaptador a função de mediador entre o leitor infanto-juvenil e a obra literária original. Há uma reorganização do que incluiria, inicialmente, autor, obra e leitor para um novo formato através do adaptador; a história se reconstrói para incluir novos elementos. Remodela-se para voltar ao ciclo de autor, obra e leitor. O adaptador, conforme Carvalho (2006), propicia o cruzamento das expectativas entre as obras literárias originais e o leitor infanto-juvenil.

Os irmãos Lamb (1964 apud CARVALHO, 2006)⁵ colocam a questão da mediação em suas obras acreditando que a adaptação não substitui a obra original, mas sim propicia um contato primário. Em 1986, adaptaram as peças teatrais de William Shakespeare, a pedido de um editor, transformando-as em contos.

O que estes contos representarem para os jovens leitores, e muito mais ainda, é o que desejamos sejam para eles, na idade adulta, as verdadeiras peças de Shakespeare: que lhes enriqueçam a fantasia, fortaleçam a virtude, deles afastem todos os pensamentos egoístas e mercenários e lhes façam ver o que há de mais delicado e nobre em pensamentos e ações; que lhes ensinem cortesia, benignidade, generosidade,

⁵ LAMB, Charles, LAMB, Mary. Prefácio. In: QUINTANA, Mário (trad.). **Contos de Shakespeare..** Porto Alegre: Globo, 1964. Apud CARVALHO, 2006, p.2.

humanidade, pois de tais virtudes estão cheias as suas páginas .(LAMB, LAMB, 1964, p.05 *apud* CARVALHO, 2006, p.2)⁶.

Os irmãos Lamb trazem, portanto, a ideia de que adaptação não precisa ser rígida em seus moldes. Pode-se mudá-la em sua totalidade e gênero, desde que mantenha sua essência, com a finalidade de aproximar o leitor iniciante do universo literário de Shakespeare.

6.3 A Importância do Estilo Literário Para Ter Uma Obra Clássica

Na literatura, em distintas épocas, percebe-se o quão difícil é tentar enquadrar escritores em determinados períodos, devido as suas peculiaridades, na escolha de palavras e expressões com as quais expõem ideias e sentimentos. O estilo individual faz com que o sujeito criador da obra se posicione de determinada maneira diante da realidade.

Analisando as obras literárias de um apontado momento, observa-se que há pontos em comum entre os escritores, certos traços estéticos que podem ser agrupados em tendências ou estilos de época, de acordo com a visão de mundo que refletem. São essas afinidades que fazem um movimento literário ser diferente de outro.

Apesar de Sousândrade ter vivido na época do Romantismo, sua obra já prenunciava aquilo que aconteceria cinqüenta anos depois da literatura, ou seja, o Modernismo. Só a partir da década de 70 do século XX, ele teve sua importância definitivamente reconhecida. (MOURA; FARACO, 1997, p. 94).

Existiram ao longo desses períodos, escritores que não se enquadravam no costume da época, à tendência literária, mas a originalidade das obras acabou despertando interesse de escritores de outros períodos. Muitos autores, por estarem

⁶ LAMB, Charles, LAMB, Mary. Prefácio. In: QUINTANA, Mário (trad.). **Contos de Shakespeare**. Porto Alegre: Globo, 1964. *apud* CARVALHO, 2006, p.2.

à frente de seu tempo, eram incompreendidos e não reconhecidos. Há muitos relatos de criações consideradas verdadeiras obras-primas, mas cujo criador faleceu no anonimato.

7 ADAPTAÇÃO X TRADUÇÃO

O ato de reescrever uma obra está ligado diretamente ao conceito de tradução e adaptação. Pensa-se então, o que na realidade é uma reescritura? Resposta direta, não se obtém, pois nesta está intrínseca a subjetividade de seu conceito. Pode-se tratar a “reescritura” como a arte de recriar, pois tanto o adaptador quanto o tradutor, interagem com a obra, há liberdade a criatividade destes e o próprio conceito de fidelidade com a primeira obra modifica-se, pois como salienta Amorim (2005, p.30), o conceito de fidelidade “[. . .] situa-se, inevitavelmente, na relação entre ideologia e concepção poética.”

A “fidelidade” é apenas uma estratégica tradutória que pode ser inspirada pela junção de uma certa ideologia com uma certa poética. Exaltá-la como única estratégia possível, ou mesmo a única admissível, é tão utópica quanto fútil. Textos traduzidos podem nos ensinar muito sobre a interação entre as culturas e a manipulação de textos. Esses tópicos, por sua vez, podem ser de mais interesse para o mundo como um todo que nossa opinião se uma palavra foi traduzida “apropriadamente” ou não. De fato, longe de serem “objetivas” ou “livres de julgamento”, como seus defensores nos levariam a acreditar, “traduções fiéis” são freqüentemente inspiradas por uma ideologia conservadora. (LEFEVERE, 1992, p.51 *apud* AMORIM, 2005, p.30)⁷.

Os primórdios da adaptação e da tradução literária no Brasil estão atrelados à imprensa. Em periódicos encontravam-se textos traduzidos e adaptados. Uma curiosidade a destacar é que no início do século XIX, era comum a prática nestas circulares, a não inserção do nome do autor ou mesmo a informação de que se tratava de uma tradução. Nomes de autores importantes ficavam no anonimato e nivelavam-se com “autores calouros”, iniciantes. A adaptação surge como sinônimo de novo contexto para os personagens de uma obra, trabalhando os temas propostos com uma visão mais moderna, objetivando o encontro com a realidade do leitor. As maiorias das obras lidas, no início do processo da leitura, não passam de traduções.

⁷ LEFEVERE, A. **Translation, rewriting and the manipulation of literary fame**. London: Routledge, 1992, p.51. *Apud* AMORIM, 2005, p.30.

As adaptações de textos clássicos são uma forma de aproximar o leitor das obras consagradas e tentam uma democratização e uma recepção mais “facilitada” para o leitor infante-juvenil. A adaptação, no sentido de recontar uma história, pertence e é vista muito no campo da marginalidade, tal qual sua literatura, a infante-juvenil. Nesse sentido, o termo é associado aos conceitos de enxugamento, facilitação, empobrecimento e prejuízos em relação ao original, sem preocupações estéticas. O adaptador, apropriador, quando da adaptação textual, muitas vezes se interessa mais por enxugar o original, alterando o seu imaginário, proporcionando, até mesmo, fendas entre as partes do texto. (CORSO, 2007, p. [s.n]).

O bom adaptador é aquele que consegue ser original, sem tirar a qualidade da primeira obra; oferece uma releitura sensível e particular, preocupando-se com o público alvo. O perfil do leitor é de fundamental importância, já que será este público que norteará a sua confecção, que auxiliará o autor/adaptador a traçar métodos a serem adotados para a elaboração da obra adaptada.

Na adaptação literária a figura do leitor apresenta-se mais determinante ainda para a realização do processo de criação, uma vez que a intenção é atingir um público com um perfil bastante delimitado e é essa representação que orienta a reescrita de uma obra. (CARVALHO, 2006, p.17).

A adaptação surge com o intuito de propiciar ao leitor a apreciação da obra original, muito antes da leitura íntegra da mesma. Faz o papel de “trampolim” para iniciação da leitura de obras clássicas. Carvalho (2006) acredita que uma adaptação literária deva constituir textualmente uma forma de leitura da obra, garantindo assim, a permanência desta no horizonte de leitores na era moderna.

As inúmeras adaptações, realizadas em momentos históricos distintos, concretizam o postulado de que a literatura não se apresenta como uma única resposta para as diferentes perguntas surgidas em cada época, porque tanto o leitor como suas inquietações se modificam. (CARVALHO, 2006, p.18).

Geralmente, a simplificação da realidade, é a proposta de uma adaptação literária. Muitas vezes, esta “realidade simplificada” não condiz com o público alvo.

Por isso da escolha das obras “Dom Quixote” e “Romeu e Julieta” para análise no presente estudo, pois trazem um caráter aventureiro e um romantismo intrínseco ao público infanto-juvenil, que correspondem à faixa etária dos onze aos quatorze anos.

É inerente ao papel do adaptador a versatilidade de compreender e tentar responder com suas obras as indagações do leitor dentro de suas possibilidades. A história estruturada em um passado longínquo deve passar por um direcionamento, a fim de transpor as barreiras que impedem, muitas vezes, a compreensão da obra por um público que não possua uma “bagagem” ampla de leitura, para que possa entendê-la em toda sua complexidade. Zilberman (1989, p.100), ressalta que “[. . .] a capacidade da obra de desprender-se do seu tempo original e responder às demandas dos novos leitores é reveladora de sua historicidade”.

O adaptador é, antes de tudo, um leitor crítico, pois a este caberá o papel do “recorte” da obra primária para torná-la mais próxima de um determinado público, atualizando-a. “Ele faz o movimento de autor- adaptador, pois transita entre o dado (a obra original) e o novo (a adaptação)” (OLIVEIRA, 2007, p.203).

Por ser um assunto que está chamando atenção dos pesquisadores recentemente, as divagações ainda estão cruas e percebe-se cada vez mais que o tema adaptação e tradução, geram novas visões sobre o assunto. Notam-se confusões de conceitos, tal como a própria definição de adaptação, os estudiosos sabem que há diferenças entre adaptação e tradução, mas não há ainda uma divisória clara entre uma e outra, muitas vezes, apresentando uma como a outra. Houaiss (2001), no dicionário da língua portuguesa, define os termos adaptação e tradução.

Adaptação: [. . .] transposição de uma obra literária para outro gênero [. . .] ato ou efeito de converter uma obra escrita em outra forma de apresentação, mantendo-se ou não o gênero artístico da obra original e o meio de comunicação através do qual a obra é apresentada. (HOUAISS, 2001, p.78, *grifo nosso*)

Tradução: [. . .] ling.; operação que consiste em fazer passar um enunciado emitido em uma determinada língua (língua-fonte) para o equivalente em outra língua (língua alvo), ambas conhecidas pelo tradutor, assim, o termo ou discurso original torna-se compreensível para alguém que desconheça a língua de origem [. . .] transposição de uma mensagem de uma forma gráfica para outra [. . .] soc.; ato de tornar claro o significado de algo; interpretação, compreensão, explicação. (HOUAISS, 2001, p.2.745, *grifo nosso*)

Os significados dados pela literatura à adaptação e tradução apresentam significados são assemelhados, principalmente a definição dada pela sociologia à tradução: “[. . .] soc.; ato de tornar claro o significado de algo; interpretação, compreensão, explicação” (HOUAISS, 2001, p.2.745,). Definição esta que se aproxima em muito da adaptação, possuem como finalidade tornar claro o texto, utilizando-se de outras formas textuais e/ou simplificações linguísticas.

Indiscutivelmente, o conceito de adaptação está, segundo Prado (2007), relacionado ao campo da Tradutologia e, geralmente, este é confundido com o conceito da tradução. Investigadores deste assunto enfatizam que no processo de adaptação, invariavelmente recebem interferência da tradução. A adaptação, dependendo de sua abordagem, concorre paralelamente com a tradução, pois se o intuito da adaptação é a simplificação da linguagem e adequação ao contexto cultural do leitor, em muitas obras traduzidas percebem-se as mesmas características.

Aspecto levantado por Azevedo (1999) sobre a tradução, é que esta, na realidade, é feita para o “leitor comum”, que necessita, muitas vezes, de uma linguagem mais condizente com a sua realidade. O denominado “leitor culto” por Azevedo (1999) não recorre às traduções, pelo simples fato de que este procura a obra original em sua língua vernácula, leitores aptos a seu entendimento.

O grande responsável pela revolução da tradução no início do século XX foi Ezra Pound. Ele constatou que tanto as versões preocupadas em preservar especificidades quanto as que procuravam melhorar o texto pecavam pelo mesmo defeito: eram traduções destinadas a um público versado - e erudito – quer na língua-fonte, quer no assunto do texto. Com as suas traduções amadoras, porém enérgicas e inspiradoras, Pound, segundo Burton Raffel, na *The New Princeton Encyclopeddía of Poetry and Poetics*, não se preocupou em ser nem gramatical, nem consistente, mas voltou-se para- sua grande descoberta - o leitor em geral (*general reader*). Para ele, os eruditos não necessitavam de traduções, e eu complementar, nem de adaptações de *O Uruguai*. (AZEVEDO, 1999, p.57, grifo do autor).

O que seria o tão citado “leitor comum”? Azevedo (1999, p.123) o descreve como: “Trata-se do indivíduo alfabetizado, com escolaridade média (primeiro grau completo e segundo grau) ou superior (neste último caso, não intelectualizado) que gosta de ler”. Cabe salientar as diferenças existentes entre os leitores

escolares, existem aqueles que leem obras de seu gosto e interesse, e aqueles que leem por obrigação, quando não há o prazer da leitura, salvo algumas exceções.

Ao ser enfatizada a leitura do original, muitas pessoas não terão acesso, pelo simples fator do idioma, e por sua vez o leitor lerá a tradução, que recai na percepção do tradutor, do quanto este está apto a fazer a transcrição sem prejudicar a obra. Conseqüentemente, a tradução, na realidade, é uma reconstrução da obra, pois o tradutor adapta algumas ideias para que caibam no idioma para o qual está se propondo a traduzir.

Além disso, a consciência do tradutor leva-o a procurar criar a ilusão no leitor comum de que está a ler uma obra como se ela tivesse sido escrita no seu idioma, esquecendo que, no original, ela não foi escrita naquele idioma em que está a ser lida. Esta ideia poderia ainda ser levada mais longe quando se considera ser missão do tradutor melhorar o texto original... (ALMEIDA, 2006, p.128).

Mundt (2008) é tradutora de literatura infanto-juvenil e traz à tona questões como a diferenciação entre tradução e adaptação. A princípio, não existe esta diferenciação, pois a cada dia mais se percebe a fusão de ambas. Como colocado pela própria autora, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), já se encarregou de terminar com as discussões que ainda ocorrem em volta deste tema, em 2005, unificou as premiações de traduções e adaptações, pois não há embasamento teórico que distinga a linha divisória.

8 PANORAMA DA LEITURA NO BRASIL

“Silêncio: essa talvez seja a palavra que melhor simboliza a situação real da biblioteca escolar no Brasil. Sem dúvida a biblioteca escolar brasileira encontra-se sob o mais profundo silêncio; silenciam as autoridades, ignoram-na os pesquisadores, omitem-se os bibliotecários. É realmente um silêncio quase sepulcral, que até faz sentido, pois a biblioteca escolar no Brasil está praticamente morta, faltando apenas enterrá-la”.

Waldeck Carneiro da Silva

Para Silva (1999), a palavra silêncio era a melhor representação do estado das bibliotecas escolares públicas: percepção degradante e impactante, mas que no decorrer dos anos não se percebe modificada. Com a obra “Miséria da biblioteca escolar”, o autor pretendia reivindicar ações contra a indiferença e desprezo pelos quais as bibliotecas escolares vinham passando, clamando pelos defensores da causa. Trabalhos, monografias, artigos, livros foram e são escritos com qualidade, mas seu número não chega a ser representativo para que se possam sanar os problemas advindos de uma cultura que parece não valorizar o papel da biblioteca na educação. As medidas governamentais não incluem melhorias em seu funcionamento, setor importante, mas que não é percebido como tal.

No ano de 2008, a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, em parceria com pesquisadores da Associação Latino-americana de Pesquisa e Ação Cultural (ALPAC), do Laboratório de Políticas Públicas (LPP) da Universidade do Rio de Janeiro (UERJ), realizou uma pesquisa que teve como finalidade averiguar práticas pedagógicas com base nas obras distribuídas pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE).

O documento refere-se a uma avaliação diagnóstica do PNBE que abarca questões discutidas sobre a realidade das escolas brasileiras. A situação em que se encontra a escola implicará diretamente nas condições de práticas leitoras. Práticas estas, que agregam valores à leitura e escrita.

O descompasso do sistema de ensino no Brasil, no qual o número de matrículas excede a capacidade física dos estabelecimentos, assim como o baixo

índice de bibliotecas escolares na rede pública, comprovam o descaso com a educação que impera no país. A biblioteca ainda não é entendida como setor que pode ser ativo no processo educacional. O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) destina investimentos para distribuição de livros. A quantidade de obras literárias enviadas às escolas, muitas vezes, contrasta com a sua real estrutura e com o uso que se faz dos livros por professores e alunos.

O Manifesto da Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (2002), a biblioteca escolar tem como missão promover serviços de apoio à aprendizagem e livros aos sujeitos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a chance de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os meios e formatos.

A biblioteca escolar, de acordo com Milanesi (1986), é vista pelos estudantes, como um lugar em que possam locar livros, de forma gratuita e um suporte para a realização de tarefas pedidas em sala de aula pelos professores, sem que haja interesse maior pelas obras literárias disponíveis. Salieta que o alunado almeja que a biblioteca escolar seja eficiente. A afirmativa que data de vinte e três anos atrás, atualmente, não é mais cabível na rede pública de ensino, pois há uma total antipatia por parte de estudantes em relação às bibliotecas de suas escolas por não suprirem suas necessidades. Estes partem para as bibliotecas públicas de seus municípios, fazendo-as sua “biblioteca escolar”. Há um entrave em relação a esta situação, pois o princípio de uma biblioteca pública é atender a todos da comunidade, portanto, o material é e necessita ser diversificado, levando em conta as necessidades de sua região, com esta “invasão em massa” de interesses em comuns de uma determinada faixa etária, a biblioteca acaba exercendo o papel da biblioteca escolar, deixando de lado os interesses da comunidade.

O PNBE, criado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), em 1997, para tentar suprir as demandas informacionais das escolas da rede pública de ensino, todo ano, envia diversas obras de literatura, de pesquisa e de referência e outros materiais relativos ao currículo. O problema a ser enfrentado é a falta de infraestrutura e de profissionais para receber estas obras adequadamente. A biblioteca necessita ser percebida como um espaço de leitura e como participante ativa do incentivo à leitura.

Embora exista no Brasil, há quase dez anos, uma forte demanda pela formação de uma política de incentivo à leitura, persiste entre nós um calcanhar-de-aquiles que precisa ser, de fato, tratado: enquanto as bibliotecas públicas e escolares não exercerem seu papel fundamental neste processo, as ações serão intermitentes e ineficazes. (MARTINEZ; CALVI, 2004, p.5).

As bibliotecas escolares da rede pública de ensino apresentam-se em estágio de degradação, nota-se como sendo um setor de pouca valia para a educação em si, pois por sua “petição de miséria” não possui base necessária para trabalhar em conjunto com a unidade a qual está inserida, assim como funcionários qualificados ou treinados para exercer a função de mediador da informação. Milanesi (1986), já se perguntava até que ponto as escolas e a sociedade em si estão inseridas em um sistema rígido, que cria regras e situações de vivências que, muitas vezes, são impostas e agregadas ao convívio sem um real questionamento.

8.1 Construção Intelectual do Estudante: instituição educacional participante ativa e propulsora da leitura

O estudo realizado pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) do Ministério da Educação e Cultura, sobre a arte de ler e biblioteca nas escolas públicas brasileiras, desfaz o mito de que no país não há gosto pela leitura. A pesquisa realizada em 2007, por iniciativa de entidades do livro (Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), Câmara Brasileira do Livro (CBL) e Abrelivros) e Instituto Pró-Livro (IPL), intitulada “Retrato da Leitura no Brasil”, acusa no baixo índice de escolaridade com qualidade a raiz do problema, atribuindo a instituição educacional a responsabilidade de propiciar aos estudantes condições para que estes se tornem leitores assíduos. A exclusão social é um dos principais problemas para o baixo índice de leitura no país. As dificuldades inerentes ao país em relação ao acesso às informações tornam o leitor um herói, pois este “luta” contra todas as adversidades.

No processo de propiciar o prazer pela leitura, a escola participa ativamente da construção intelectual do indivíduo, tendo fundamental importância para a

formação do leitor. A respeito desta função intermediadora entre escola/aluno, Zilberman ressalta:

O exercício dessa função, que se mostra simultaneamente cultural e política, é delegado à escola, cuja competência precisa tornar-se mais abrangente, ultrapassando a tarefa usual de transmissão de um saber socialmente reconhecido e herdado do passado. Eis porque se amalgamam os problemas relativos à educação, introdução à leitura, com sua conseqüente valorização, e ensino da literatura, concentrando-se todos na escola, local de formação do público leitor e de estímulo ao consumo de livros. (ZILBERMAN, 1988, p. 16-17)

No Brasil, hoje, tem-se não uma questão cultural, mas sim de oportunidade para se ter leitores e credibilidade em seu desenvolvimento. Há o corte de etapas fundamentais para o crescimento do indivíduo como leitor. Fator ocorrido onde a leitura escolar torna-se sinônimo de monotonia, inibidora ou o termo utilizado pelos próprios alunos “chatice”, criando uma concepção mítica de que a leitura não pode ser prazerosa e que, muitas vezes, não será entendida.

8.2 Padrão de Medida de Desempenho em Leitura

No ano de 2000, foi incorporado, como medida de desempenho dos estudantes na área da leitura, matemática e ciências, o Programa Internacional de Avaliação dos Alunos, instituído pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). A realização da prova de leitura ocorreu no mesmo ano.

O Brasil, na prova, ficou na última colocação na disputa com outros países que avaliavam a leitura. Os resultados demonstraram que o nível de escolaridade está diretamente ligado ao desempenho; a pontuação aumentava de acordo com a idade do participante.

Coincidindo com a análise crítica do Programa PISA realizada por Emília Ferreira (2005), não parecem existir padrões de avaliação universais

eficientes para dar conta do desempenho dos estudantes em nenhuma área de conhecimento. Isto porque, como se sabe, existem enormes diferenças entre os países em relação às condições de acesso a “conhecimentos e habilidades”, considerados necessários para a plena participação social”. (BRASIL, 2008, p.19).

O Brasil é caracterizado como um país disperso social e culturalmente, impossibilitando um padrão de medida em relação à capacidade, desenvoltura e rendimentos dos sujeitos nos aspectos da leitura.

8.3 Níveis e Fases da Leitura: segundo Piaget, Vygotsky e Erickson

Bamberger (1977) apresenta os níveis e fases da leitura como orientação para pais, educadores e bibliotecários que auxiliam no desenvolvimento humano da aprendizagem e do conhecimento no acesso a leitura. Abaixo, um quadro comparativo baseados em Piaget, Vygotsky e Ericson sobre o desenvolvimento humano, que corroboram os níveis e fases de leitura apresentador por Bamberger.

Piaget (1896-1980)	Vygotsky (1896-1934)	Eric Erickson (1902-1994)
<ul style="list-style-type: none"> • Preocupação epistemológica (pesquisas experimentais, o indivíduo passa por várias etapas de desenvolvimento ao longo de sua vida); • Objeto de estudo: desenvolvimento da criança; • Estuda os aspectos cognitivos; • O conhecimento é construído (construção na mente do indivíduo, adapta novos dados a estrutura mental já existente); 	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria psicológica (especulações filosóficas); • Enfoque na pedagogia; • Estudo os aspectos sócio-históricos; • Pioneiro na noção de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das intervenções sociais 	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro psicanalista infantil americano; • Delineia a evolução da identidade, individualidade, conhecimento pessoal pela comparação de problemas em torno dele; • Reconhece o valor da infância, mas não desvaloriza as demais fases dos seres humanos; • Criou a Teoria do Desenvolvimento

<ul style="list-style-type: none"> • Ambiente social para o desenvolvimento interno e externo; • As mudanças mais significativas são aquelas qualitativas e não quantitativas. O indivíduo pensa qualitativamente nas diversas fases de seu desenvolvimento; • A realidade é vista como produto de um processo histórico mutável; • O homem é estudado como sujeito histórico; • Os conhecimentos das crianças elaboram-se de acordo com sua visão de mundo, até chegar à concepção dos adultos; • Papel da aprendizagem: minimização da interação pessoal; • A linguagem aparece posterior ao pensamento, portanto a linguagem é o reflexo do pensamento; • Caráter construtivo: construções realizadas pelo indivíduo; • Dialética mais velada; • Teoria cognitiva: propõe quatro estágios de desenvolvimento cognitivo <p>Sensório-motor (0-2 anos): a criança adquire controle motor</p>	<p>e condição de vida. Enfatiza o papel da mediação neste processo;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Construção da mente humana (instrumentos de trabalho e signos); • Mudanças históricas e sócias interferem diretamente na natureza humana; • O desenvolvimento não procede a socialização; • Enfatiza a maturação biológica para o desenvolvimento interno e externo (variando o ambiente, o desenvolvimento também variará); • A realidade é percebida como produto de um processo histórico mutável; • O homem é estudado como sujeito histórico; • Deriva-se do social para o individual; • Desenvolvimento e aprendizagem são processos que se influenciam reciprocamente, 	<p>humano: focaliza o ego em oito estágios;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Em cada estágio há uma crise predominante; • Em toda etapa do ciclo vital, existe uma crise psicossocial que é a precisão de ajustamento pessoal ao requerimento do ambiente social; • Na idade adulta, o indivíduo apresenta períodos em que precisa se adaptar com seus conflitos internos. • Torna cada indivíduo pertencente a subgrupos sociais; • Estágios Psicossociais: <p>0-1 ano e meio: confiança x desconfiança (relação materna);</p> <p>1 ano e meio-3: autonomia x vergonha (“normas da sociedade”, atitudes são aprovadas e reprovadas);</p> <p>3-6 anos: iniciativa x culpa / brincadeiras em conjunto / evolução da grafia (interiorização do que é permitido ou não fazer);</p> <p>6-12 anos: domínio x inferioridade / meninice: competência x inferioridade (interação com o meio, produção.</p>
---	--	---

<p>e aprendizagem através dos objetos que a cercam. Adquire conhecimento por intermédio de suas próprias ações.</p> <p>Pré-operacional (2-7 anos): inteligência simbólica; pensamento egocêntrico, intuitivo; centração (aspecto de determinada situação é considerado); confusão entre aparência e realidade; raciocínio transdutivo (mesma explicação a situações parecidas); ausência de noção de reversibilidade; característica do animismo (vida a seres inanimados).</p> <p>Operatório concreto (7-11 anos): caracterizados por uma lógica interna consistente e habilidade de solucionar problemas concretos.</p> <p>Operatório Formal (a partir dos 12 anos): Base do pensamento científico. Raciocínio lógico e sistemático. Deduções lógicas podem ser feitas sem apoio de objetos concretos.</p>	<p>assim, quanto mais aprendizagem há, mais desenvolvimento;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Não reduz elementos da aprendizagem a elementos construtivos; • Coloca o aprendiz e o mestre em uma relação conectada • Dialética intensa 	<p>Sente-se capaz, possui mais probabilidades);</p> <p>12-18 anos: identidade x confusões de papel (formação e confusão da identidade)</p> <p>18-30 anos: intimidade x isolamento (interesse além do profissional. Construções de relações profundas) ;</p> <p>30-60 anos: produtividade x estagnação (desejo de orientar as pessoas ao redor);</p> <p>60 anos em diante: integridade do ego x desesperança (Pensa no passado, desperta sentimentos de fracasso, euforia, sucesso etc).</p>
---	--	---

QUADRO 2 – Desenvolvimento da Aprendizagem e Conhecimento do Ser Humano
 Fonte: (GONÇALVES, 2002; MENDES, 2001; PIAGET, 1996; VYGOTSKY, 2007; OLIVEIRA, 1993)

A memória difere os seres humanos, cada um possui a sua, e se afirma como indivíduo, com identidade através desta. As literaturas infantis, infanto-juvenis e adultas auxiliam, também, no processo da construção da identidade.

A memória está relacionada diretamente com a experiência, pois esta só tem valor se registrada; se esquecida, é como se não houvesse existido. A memória é constantemente reformulada, reconstruída de acordo com interesses do presente. Entre vários fatos que acontecem ao mesmo tempo, a memória escolhe um para gravar. Segundo Izquierdo (2002), é gravado pelo indivíduo aquilo que é aprendido, assim como só é lembrado, aquilo que foi realmente assimilado.

Os sentidos sensoriais, tais como: tato, olfato, gosto, visão, audição e o “mais novo membro” o instinto, exercem um grande papel como contribuintes da memória, auxiliando-a. “Os momentos iniciais da relação da criança com o mundo ilustra a leitura sensorial,...., a descoberta do universo adulto, no qual, todos nós precisamos aprender a viver e a sobreviver” (MARTINS,1989, p.42).

As crianças, e até mesmo os adultos, interpretam, reagem e leem os objetivos, os acontecimentos à sua volta de acordo com suas perspectivas e vivências. Muitas vezes, sendo inerente aos humanos a necessidade de tocá-los, senti-los, de fazê-los funcionar. Com o livro não poderia ser diferente, também despertando emoções e sentidos controversos.

Nos primeiros meses de vida, o bebê demonstra propensão ao desenvolvimento perante o mundo; importantes interações são traçadas para que haja a ampliação de seu entendimento enquanto indivíduo e sua relação com o meio. A audição é um dos primeiros sentidos a serem trabalhados na vida uterina, depois vem o paladar, através do líquido amniótico. Para Manfro, Maltz e Isolam (2001), os indivíduos, nesta primeira etapa de vida, conseguem certa organização interna e integração, sendo competentes e permissíveis as interações com o ambiente cuidador. A figura paterna e materna supre, na maioria das vezes, as dificuldades inseparáveis ao desenvolvimento.

Na faixa etária, de zero aos três anos, quando os sentidos começam a ser utilizados, se faz necessário o tocar as coisas ou alguém e também o contato afetivo.

A criança começa a conquista da própria linguagem e passa a nomear as realidades à sua volta. [. . .] o mundo natural e o mundo cultural (o da linguagem nomeadora) começam a se relacionar na percepção que a criança começa a ter do espaço global em que vive. (COELHO, 1987, p.14-15).

Coelho (1987) demonstra a importância das pessoas responsáveis pela criança, estimularem-na nesta compreensão. “A premissa básica da teoria vincular é que a criança só poderá ser autônoma e competente se puder confiar em um adulto que a faça sentir--se segura e protegida” (MANFRO; MALTZ; ISOLAM, 2001, p.85). Os livros podem ser importantes aliados, pois suas gravuras coloridas ajudam as crianças a nomearem os objetos e reconhecê-los. Hoje, existem livros infantis direcionados a essa faixa etária, com textos curtos, letras grandes, bem ilustrados e feitos de pano, papel grosso, plástico, para as crianças poderem manuseá-los e senti-los. O desenvolvimento da linguagem está entre as principais características desta faixa etária. “As formas de relacionamentos dos pais com os filhos e suas atitudes básicas a respeito de sua criação estendem-se ao longo dos anos, não se limitando a uma única fase do desenvolvimento”(MANFRO; MALTZ; ISOLAM, 2001, p.88).

Segundo Martins (1989), no ato da leitura, o indivíduo infere sentido às coisas, as pessoas ligadas a elas, ao espaço que ocupam ou ocuparam e a relação do indivíduo com tudo isso. Neste processo são utilizados o intelecto, os sentidos e as emoções, assim como, a memória, pois permite a reconstrução, onde há uma interligação entre o presente e o passado. As lembranças são reavivadas e evocadas quando há a compreensão do que é visto e lido.

Entre as faixas etárias do desenvolvimento, estudaremos a dos onze aos quatorze anos, por representar o grupo focado no estudo. Marcada pela puberdade, Ceitlin (2001, p.117) afirma que a faixa etária em questão está “[. . .] intimamente relacionada com o processo de crescimento físico, maturacional [. . .].” É a idade da confusão do amadurecimento forçado, das mudanças corporais, das incertezas, da constituição do “eu” e das transformações psíquicas.

O impacto das mudanças físicas e a expansão das habilidades cognitivas desencadeiam as alterações psicológicas e sociais que são por sua vez influenciadas pelo contexto social, histórico, cultural e familiar no qual o adolescente está inserido. (CEITLIN et al, 2001, p.117).

Quando se encontram na sexta e na sétima série, tanto as meninas quanto os meninos estão passando pelo pico de seu amadurecimento, causando assim,

interesses e vergonhas a respeito de si e do ambiente externo. Diferenças visíveis em seus corpos são notadas, as meninas mais desenvolvidas do que os meninos, o amadurecimento físico dessas é adiantado em torno de dois anos. Os interesses de ambos os sexos giram em torno de distintas variáveis; ela começa a se interessar sexualmente, já o menino, interessa-se mais pelo esporte, não há o despertar sexual. É a idade do dualismo, almejam coisas distintas, querem a fase adulta, mas não querem deixar as “mazelas” da fase infantil, há o sentimento de desamparo.

O ciclo vital humano caracteriza-se por um longo processo de maturação e transformação. Os ritos de passagem são cerimônias e rituais que ocorrem nos pontos de transição, onde há intensa mudança de uma condição a outra na vida de um indivíduo ou grupo social. (CEITLIN et al, 2001, p.124).

Os gostos literários giram em torno de obras que possuam como tema: aventuras, romances sensacionais, viagens, realismo aventuroso e histórias sentimentais. Fase característica da leitura crítica. Capacidade de assimilar idéias, confrontá-las, com sua própria experiência e reelaborá-las.

O interesse dos leitores pode despertar, principalmente através do enredo, dos acontecimentos, do sensacionalismo. Em se tratando de meninas, a ‘criança diabólica’ (Beinlich) surge amiúde em primeiro plano, bem como o interesse pelo sentimentalismo barato e pela auto-adulação. Interesses gerais: livros de aventuras, romances sensacionais, livros de viagens, histórias ordinárias e de um sentimentalismo barato. (BAMBERGER, 1977, p.38).

Schliebe-Lippert e Beinlich (apud Bamberger, 1977, p.38)⁸, caracterizam esta fase da leitura como a “[. . .] idade da história de aventuras: realismo aventuroso ou a ‘fase de leitura psicológica, orientada para as sensações.’”

⁸ BEINLICH, Alexander: **Die Entwicklung des Lesers**. [S.L:s.n], p.38. Apud BAMBERGER, 1977, p.38.

Schliebe-lippert, Elisabeth: Der Mensch als Leser. **Entwicklungsverlauf der literarästhetischen Erlebnisfähigkeit**. [S.L:s.n], p.38. Apud BAMBERGER, 1977, p.38.

Martins (1989) refere-se a três níveis de leitura: leitura sensorial, leitura emocional e leitura racional. A autora focaliza em suas colocações o ato de ler e, ao referir-se a níveis de leitura, pretende aproximar o objeto lido do leitor.

Como a leitura é dinâmica e circunstanciada, esses três níveis são inter-relacionados, senão simultâneos, mesmo sendo um ou outro privilegiado, segundo a experiência, expectativas, necessidades e interesses do leitor e das condições do contexto geral em que se insere. (MARTINS, 1989, p.37).

A leitura sensorial se utiliza de referências do corpo humano, tais como visão, audição, tato, gosto e olfato. Desde a mais tenra infância o indivíduo recorre aos sentidos para compreender o ambiente no qual está inserido, onde a razão e emoção caminham juntas durante todo o percurso de vida, fazendo leituras.

A leitura sensorial vai, portanto, dando a conhecer ao leitor o que ele gosta ou não, mesmo inconscientemente, sem a necessidade de racionalizações, justificativas, apenas porque impressiona a vista, o ouvido, o tato, o olfato ou o paladar. (MARTINS, 1989, p.42).

O teor de inferioridade da leitura emocional, como coloca Martins (1989), demonstra o quanto o ser humano exclui a subjetividade da leitura, acreditando que para ser válida, necessita da racionalidade em primeiro lugar. Sem a subjetividade a leitura não passa das primeiras linhas, já que não há uma identificação com o que está sendo lido, conseqüentemente, não se consegue fazer as associações, ficando o entendimento corrompido. A respeito da racionalidade, Martins (1989, p.50) afirma: “Se não mascarássemos as nossas leituras e sua memória, talvez elas nos revelassem muito mais de nós mesmos, das nossas condições de vida então. E do confronto de leituras certamente sairíamos fortalecidos.”

Interessante é a postura da autora em relação à leitura racional, Martins (1989) acredita que esta é utilizada para status, para manter uma postura intelectual diante da sociedade, onde a emoção é quase que zerada. Cita como exemplo a ida a um teatro. Quem quer manter uma postura “intelectualizada” não ri e nem se diverte em uma peça de Shakespeare, pois seria “inculto” devido à profundidade e

complexidade desta. Atitude que provoca medo coletivo de expressar opiniões em público, acabando por acarretar a necessidade de justificar os gostos literários.

Ao se aplicar um esquema de leitura ao texto, adotando um comportamento estereotipado em relação a ele, põe-se também de lado uma maneira de ler, de dar sentido, nossa, autêntica, em função de uma leitura supostamente correta porque sob o beneplácito de intelectuais. Assim, se estes autorizam a reverência, o riso, o entusiasmo ou o menosprezo em face de um texto, 'revogam-se as disposições em contrário'. (MARTINS,1989, p.50).

As fases e níveis de leitura auxiliam no entendimento de que não é possível identificar um determinado tipo de leitor, mas um mesmo sujeito pode se identificar com a fase de leitura sem, no entanto, corresponder à idade cronológica, uma vez que o processo de desenvolvimento de vida é influenciado pelo meio e pela interação com os outros. O indivíduo utiliza diariamente os três níveis de leitura, pois está sujeito ao questionamento, à subjetividade, à objetividade e à racionalidade perante informações.

9 POR QUE LER CLÁSSICOS?

*“Mas leio, leio. Em filosofias
tropeço e caio, cavalgo de novo
meu verde livro, em cavalarias
me perco, medievo; em contos, poemas
me vejo viver. Como te devoro,
verde pastagem. Ou antes carruagem
de fugir de mim e me trazer de volta
à casa a qualquer hora num fechar
de páginas?”*

Carlos Drummond de Andrade

Zilberman expressa em suas obras o sentimento e a visão que possui da leitura de obras clássicas na escola. Coloca que as instituições de ensino agregaram em sua grade curricular, nas disciplinas de Literatura, obras clássicas pelo simples fato destas serem cobradas no vestibular. O que se vê, hoje, são instituições de ensino nos moldes de cursinhos pré-vestibulares, estabelecendo uma disciplina rígida que, muitas vezes, desconsidera autores contemporâneos, devido ao curto prazo de tempo que possuem para serem trabalhadas em sala de aula. Percebe-se até mesmo o desinteresse de educadores pela atualização do que está sendo escrito na contemporaneidade, na busca de novos escritores de qualidade para apresentar aos estudantes. Mas, apesar desta realidade no Brasil, será que é só para o vestibular que se leem clássicos? Por que ler clássicos?

Perguntas que repercutem na educação de jovens e adultos. Pensa-se que as escolas devam passar a literatura aos educados de forma completa, para que o aluno saia convicto do entendimento pleno da literatura. Fixando-se em leituras rígidas, o estudante tem a obrigação de interpretar corretamente o texto, sem que haja um aval para que este o entenda de maneira gradativa, a importância da releitura passa longe do entendimento destes. O sentimento de impotência é grande em jovens estudantes, pois a insegurança de não entender o que se está lendo agrega sentimentos conflituosos, podendo levá-los à rejeição plena da literatura.

'Clássico', 'canônico' e 'literário', vistos como valor sócio-cultural, entram na escola por meio da Literatura, parte integrante da matéria escolar Português. Nesse domínio, notamos sem dificuldades o apelo de um livro que traga essas **logomarcas**. Entre educadores o apelo é que um clássico ora põe o aluno em pé de igualdade a uma elite que se deduz culta, ora lhe facilitará o acesso a bens culturais, e materiais, ora possui função psicológica (ou espiritual) de enriquecimento do ser. (LOPES, 2008, p.3, *grifo do autor*).

O belo da literatura clássica é que esta não te exige nada mais do que a pura e simples compreensão, sem pressa, sem recriminações. Por ser, muitas vezes, mal compreendida, espera o amadurecimento do ser humano para mostrar-se por inteira, em sua plenitude.

Azevedo (1999), em sua obra intitulada "Serás, lido Uruguai? a contribuição de uma versão de O Uruguai, de Basílio da Gama, para uma teoria da adaptação" relata que sua predileção por literatura clássica foi incentivada, desde pequeno, por seu pai, quando em sua infância este lia para os filhos as obras de Shakespeare, sem nenhuma interferência com a finalidade de ser entendida pelos pequenos. Fator interessante a comentar é que mesmo em uma idade em que este não possuía uma maturidade literária para compreender as histórias, chamou-lhe atenção as obras clássicas. As manifestações de apreço por parte de seu pai, mídia e escola pelas obras "Shakespearianas", acabou instigando o jovem Azevedo a procurar obras que fossem mais compatíveis a sua realidade e vocabulário.

Seu pai, ao perceber este interesse, apresentou-lhe o livro "Contos de Shakespeare", de Charles e Mary Lamb, da Coleção Saraiva. A partir destas obras adaptadas houve o empenho em procurar obras traduzidas, depois com o domínio do idioma, a obra original. O depoimento demonstra o quanto a "maturidade do leitor" é importante ser respeitada, reverenciando os caminhos que este deve passar para ser um leitor íntimo das obras. "Até poder fazer de um autor clássico um amigo íntimo, precisara percorrer um longo caminho que principiou necessariamente pela leitura de uma versão adaptada". (AZEVEDO, 1999, p.13).

É comum que estudiosos brasileiros e portugueses tenham forte preconceito contra adaptações, as quais segundo eles substituem a leitura dos textos originais, assim, empobrecem os leitores, que se vêem privados do questionamento da obra e ainda ficam com a falsa impressão de que aprenderam tudo que dela poderiam aprender, conclusão de reflexos desastroso nos demais aspectos de sua vida intelectual. Ora,

minha experiência pessoal com William Shakespeare (e vários outros autores, devo frisar) não me permite esse ceticismo em relação às virtudes da adaptação de obras literárias. (AZEVEDO, 1999, p.10).

A leitura da obra original é realizada em casos limitados, seja por pedido nas escolas ou universidades, algo imposto, não há a real procura por estas; se a leitura, infelizmente, não é vista como prazerosa. Azevedo (1999) destaca em “O Uruguai”, de Basílio da Gama esta visão.

O poema alcançou grande repercussão junto à crítica, que chegou a considerá-lo a mais acabada obra da literatura colonial brasileira, mas permaneceu pouco lido. Ao longo das décadas, dos séculos, foi se tornando cada vez mais um mero verbete enciclopédico. Hoje, sua situação tem certa semelhança com a situação da obra de Shakespeare, na medida em que o texto original não é lido senão por obrigação e seu nome é transmitido mais pela via dos seus efeitos e da transmissão de informações a respeito dele do que por efetiva leitura. (AZEVEDO, 1999, p. 14).

A grande massa, segundo o autor, não lê os clássicos, mas conhece os personagens das obras através de outros formatos e suportes que não a obra original. A literatura clássica adaptada vem justamente com este viés, de propiciar um contato primário com a obra clássica.

9.1 Ensino Escolar: agregando adaptações literárias de obras clássicas

O ato de ler está diretamente ligado à identificação. O sujeito que não consegue ler com entendimento e não tem condição de entender os processos de pensamento que lhe permitirão construir novas idéias, dificilmente poderá evidenciar aprendizagem.

Na obra “Questões de vivências de leitura”, de Rosa e Vergas (2007) através de uma coletânea de autores, entre professores universitários de Literatura e Letras, escritores e críticos literários, são expostas práticas leitoras e memórias destes. Nos relatos, indiscutivelmente, está a presença da liberdade de escolha literária, da

valorização do saber, dos caminhos trilhados para chegar a esta, onde não se tem o errado e o certo, só a voracidade, volúpia e curiosidade de buscar gêneros e estilos literários que lhes agradem.

Assis Brasil (2007), no decorrer de suas divagações literárias, apresenta ao leitor a série "Os mais belos contos de fadas chineses", no qual, começou sua jornada pela literatura, sendo uma obra de imenso valor cultural, pois para uma criança foi apresentada uma realidade diferente da sua, incutindo o discernimento de sua própria.

Nesse livro, a virtude, que era apenas uma noção abstrata, ou pior, apenas uma idéia oposta ao pecado, à virtude, digo, tornou-se uma experiência vital e respeitável. Se meus professores de catequese falavam numa dialética que levava ao céu ou ao inferno, com *Os mais belos contos de fadas chineses* eu aprendi que uma pessoa podia ser virtuosa sem nenhuma expectativa de uma recompensa celeste. Havia, assim, uma virtude leiga, acessível a todos, não apenas aos santos ou aos candidatos à santidade. (ASSIS BRASIL, 2007, p.113, grifo do autor).

A utilização, no processo de ensino, de meios e suportes diversificados para transmitir uma idéia, um contexto ou uma simples passagem textual, auxiliam no crescimento literário. Passar de uma simples leitura passiva para a interação ajuda o desenvolver do senso crítico.

Isso é interessante para poder transmitir aos alunos que, desde um pequeno enunciado até a análise de uma obra clássica, existem palavras, frases, textos que enquadram um significado ainda muito maior daquilo que é transmitido superficialmente. (LOMBARDO et.al, 2005, p.47).

Na literatura, professores que agregam adaptação de obras literárias clássicas no ensino fundamental e médio acreditam que estas tragam como vantagens os seguintes aspectos:

- a) trabalhar temas diversos de uma forma simplificada;
- b) resgatar obras literárias em fase de esquecimento;

- c) ser mediadora da realidade, adapta uma realidade representada em que o leitor não se identifica, efetua este vínculo entre uma e outra, tornando assim, o texto compreensível, o leitor se reconhece na obra;
- d) converter uma linguagem rebuscada em uma compreensível ao leitor;
- e) ser uma forma de se homenagear o autor;
- f) divulgar para jovens leitores obras clássicas.

Uma das justificativas para seu uso e, há consenso entre educadores, é que mantêm o enredo da obra original, mesmo que o estilo individual do autor se perca. A tematização da literatura infanto-juvenil, segundo Carvalho (2006), geralmente, encontra-se envolvida em questões de natureza histórica, teórica ou crítica literária. Mesmo com sua abrangência, a forma textual denominada “adaptação literária” é pouco sondada.

[. . .] a adaptação de clássicos como polêmica em meios literários e pedagógicos, não ultrapassa uma década, no mesmo momento em que se confirma a lucratividade do produto com sua fácil entrada na escola, a maior consumidora de livros do Brasil. (LOPES, 2008, p.1).

O propósito dos professores que adotam adaptações segundo Bernardo (2005, p.89) é “[. . .] apresentar a seus jovens alunos uma suma, uma condensação que eles possam ler, dos grandes nomes e das grandes obras da cultura humana.” O autor indaga-se com a contradição que há nesta afirmativa, pois como coloca: “Ler o ‘grande’ na forma de ‘pequeno’ não impediria a compreensão do verdadeiramente grande?” (BERNARDO, 2005, p.89). Lembra que a seleção é subjetiva na literatura, não existe um padrão, deve ser realizada respeitando o leitor. Para Bernardo (2005, p.91) “[. . .] toda adaptação implica, portanto, um exercício de tesoura, em palavras mais claras, um exercício de censura, sobre o texto do autor que se ‘homenageia’.”

Na verdade, é o professor o mediador por excelência não só da leitura dos clássicos da língua, senão da própria produção nacional contemporânea, devido a uma conjuntura muito particular de nosso País. O mercado brasileiro de literatura se caracteriza pela extraordinária dependência para com o sistema educacional, num contexto em que a leitura de textos literários se circunscreve cada vez mais no âmbito das atividades escolares. Esta circunstância acarreta uma curiosa conformação

no quadro dos mediadores de leitura. Editores, livreiros, críticos, bibliotecários vêem sua importância se reduzir enquanto avulta o papel dos professores como meios de ligação entre o texto literário e seu consumidor final. (AZEVEDO, 1999, p.45).

Um dos argumentos dados por estudiosos e educadores para a não utilização de obras literárias adaptadas, principalmente com jovens, é a perda da essência lingüística e, de certa forma, de conteúdo das obras originais. Os trabalhos que os educadores fazem em sala de aula com estas obras repercutem diretamente no estímulo futuro da leitura íntegra, no reconhecimento e conhecimento de autores clássicos. A adaptação apresenta uma ínfima parte de toda a beleza e criação da obra do autor, mesmo assim é uma opção que está sendo utilizada no meio educacional.

As obras originais, que apresentam um caráter próprio, parecem medidas atualmente, pelo número de páginas que contêm, como se a adaptação literária, por possuir um número de páginas inferior “recuperasse” a obra clássica que está sendo esquecida. É uma justificativa infundada, pois a beleza da obra original se perde em muitos casos, o que “recupera” na realidade, em muitas obras adaptadas, é o nome do autor. Tira-se o enfoque da obra em si para outra forma textual, muitas vezes, não condizente com a essência e estilo criado pelo autor.

A adaptação literária, como já mencionado, possui versões de boa qualidade e de má qualidade. Dentre as editoras que sobressaem pelas adaptações de qualidade, está a Scipione, com sua série “Reencontro”, que faz parte de acervos de bibliotecas e lares do país. A série, já fez parte mais de uma vez das listas de compras do Ministério da Educação e de escolas privadas. Há aceitação destas obras sem um real questionamento de sua viabilidade no processo de ensino e busca por editoras e adaptadores/escritores que proporcionem melhores adaptações, preocupados com a formação literária, não somente com consumo imediato.

9.2 Profissão: adaptador

A Editora TecnoPrint, atual Ediouro, segundo Monteiro (2006), foi uma das primeiras editoras a encomendar dos escritores a confecção de adaptações literárias de obras clássicas. Até 1990, foi pioneira no reconhecimento da qualidade e profissionalismo para com suas obras. Cony e Paulo Mendes (adaptadores) confeccionaram adaptações para a editora.

Cony (reconhecido adaptador), na época da ditadura militar, sustentou a si próprio e a sua família com as adaptações que lhe eram encomendadas. A sua profissão real, jornalista, ficou em segundo plano, já que havia uma represália a estes profissionais pelos militares.

Carlos Heitor Cony escreve romances, crônicas e atua como jornalista nos dias de hoje. De acordo com Monteiro (2006), nunca deixou de se encantar pela adaptação de obras, tanto que hoje, configura entre os melhores adaptadores. Pequeno, já se encantava com as obras de Lobato e Coelho Neto, primeiros adaptadores do Brasil.

Autores reconhecidos na área da literatura, mas não como adaptadores, já se aventuraram por estes lados. Cito Clarice Lispector, que adaptou obras de Edgar Poe e Oscar Wilde; e Rachel de Queiroz, que adaptou Jack London.

Nas edições mais antigas, Monteiro (2006) explica que o nome do adaptador vinha no topo da capa, título embaixo e, somente depois, o nome do autor da obra original. Anteriormente, o adaptador era considerado na capa, hoje, este é quase que apagado, aparece, muitas vezes, somente na fonte catalográfica ou na folha de rosto das obras. O *status* de adaptador, perde-se, pois não há enfoque para este.

A editora Scipione, com o lançamento de sua coleção “Reencontro”, líder na representação da qualidade e profissionalismo das adaptações, trouxe novamente a importância do adaptador, mesmo sem a ênfase dada antigamente. O nome do autor da obra original aparece no topo da capa da obra, título e, no rodapé, o nome do adaptador.

Monteiro (2006) lembra que em países reconhecidos pela utilização de adaptações como Inglaterra e Estados Unidos, padronizou-se a utilização do nome do adaptador na folha de rosto e catálogos. Assim, o nome do adaptador não

intervém na venda das obras. No Brasil, as obras ainda são medidas pelo nome do autor ou adaptador.

10 NEOLEITORES: coleção “É só o Começo”

A coleção é destinada a jovens e adultos neoleitores, recém-alfabetizados ou já alfabetizados. Com relação ao que se propõe o trabalho, a coleção atende os requisitos mínimos, pois esta demonstra interesse pelo leitor, não somente propiciando a leitura, mas incentivando-o a procurar novas fontes para complementá-la. Presente também está na obra, a figura do professor, já que este é o principal incentivador da leitura.

O objetivo da coleção, segundo a editora, é diminuir a distância entre o leitor e o livro. Textos originais da literatura foram adaptados, reduzidos e enriquecidos com notas históricas, geográficas e culturais. Possui como fim a aproximação prazerosa do leitor com o texto escrito.

Em formato de uma carta informal direcionada aos leitores, anterior à leitura do texto, é exposto como deve se dar a leitura da obra e termina desejando uma boa leitura (ANEXO C)⁹. Constam posteriormente ao texto, informações extras que levam o leitor a pensar sobre o que foi lido, assim como curiosidades, tais como filmes, livros, *sítes* etc relacionados ao livro (ANEXO D)¹⁰.

⁹ A título de curiosidade são expostos em anexo os dados supracitados referentes à obra “Dom Quixote”.

¹⁰ A título de curiosidade são expostos em anexo os dados supracitados referentes à obra “Dom Quixote”.

10 OBRAS ANALISADAS DA COLEÇÃO “É SÓ O COMEÇO”

Para a proposta deste estudo, considera-se viável a utilização de obras literárias clássicas adaptadas em sala de aula com alunos do Ensino Fundamental, a fim de estímulo a leitura da obra original? O trabalho apresenta uma análise e comparação entre as obras adaptadas e originais dos clássicos. As obras analisadas foram selecionadas de acordo com as perspectivas e demanda do público infanto-juvenil, constituído pelos alunos-leitores de sétima série do Colégio Estadual professor Nicolau Chiavaro Neto.

11.1 Romeu e Julieta: William Shakespeare

Shakespeare, poeta e dramaturgo, consta no “rol da fama literária” com suas incontáveis obras. Nasceu no ano de 1564, no dia 23 de abril e veio a falecer no dia e mês de seu aniversário de 1616. Seus personagens (Hamlet, Otelo, Shylock, Falstaff, Macbeth, Rei Lear, Romeu e Julieta etc), imperam no imaginário de jovens e adultos. A criação literária de Shakespeare suscitada à reverência a sua criatividade e importância para a literatura nacional e estrangeira.

A adaptação de textos clássicos voltados para o público escolar vem com este viés de simplificar a linguagem para um público imaturo literariamente para que não se perca a leitura de autores consagrados. A adequação da literatura para outros formatos e/ou gêneros, oportuniza ao público infanto-juvenil um conhecimento prévio da obra clássica.

Na literatura estrangeira, encontramos dois problemas que repercutem na leitura da obra original. A questão da própria língua que, se o leitor não souber lê-la, partirá em busca de uma tradução. Palavras intraduzíveis para algumas línguas, podem ser adaptadas equivocadamente se o tradutor não for qualificado para atividade - a essência da obra, o estilo literário criado e idealizado pelo autor fica sujeito ao tradutor. Apesar de a tradução pretender ser fiel ao original, muitas vezes, acarreta perda, seja literária ou de sentido

Para análise da obra em questão comparou-se uma tradução e uma adaptação, sendo a primeira de Beatriz Viégas-Faria e a segunda de Pedro Garcez.

Chamou-me atenção que a adaptação literária da coleção “É só o Começo”, apesar de ser clara na simplificação da linguagem, esta, em especial, não a faz de forma “escrachada”. A diferença básica entre as duas obras está em seu gênero, enquanto uma é em forma de peça teatral, a outra, traz a história em prosa.

Apesar de ter passado a impressão de ser um resumo, na adaptação, as cenas estão presentes, mas de forma bem simplificada, ocorrendo omissão de alguns fatos, caso esperado devido ao número reduzido de páginas e ilustrações que a compõem. Outro fator a ser comentado é a linguagem empregada. Apesar de simples, leva o mesmo “embalo” do original, às vezes, apresentando a mesma construção de frases.

As cenas da obra teatral foram apresentadas em capítulos na versão adaptada. No primeiro capítulo, são apresentados Sansão e Gregório, criados da família Capuleto, à espera de uma briga com os Montecchios. Interessante, na cena, tanto na tradução quanto na adaptação, é o claro interesse de arrumar confusão pelos personagens. A primeira cena da obra traduzida é exposta com mais desenvoltura, até as falas dos personagens são carregadas de conotações. Já na adaptação da mesma cena, há perda dos personagens, já que existe o interesse de descrevê-la como um todo e de forma breve. Interessante, é que na obra traduzida, através do discurso dos personagens, o leitor vai construindo sua compreensão aos poucos, do que se passa na cena; na adaptada, muitas vezes, são expostas em um parágrafo conclusões a que o leitor chega após ter lido a cena inteira da peça teatral.

Na declaração de Romeu a Benvólio de seu amor por Rosalina, este não expõe em nenhum momento a idade de sua enamorada, na adaptação, Romeu a chama de menina. Frase retirada da obra adaptada: “Desista meu primo. Você nunca vai conseguir me ensinar a esquecer esta menina” (SHAKESPEARE, 2009, p.14).

Em adaptações literárias, é comum o sentido de algumas cenas serem deturpadas. Romeu, após ter explicado a seu primo Benvólio que está apaixonado, mas não correspondido, este se oferece para ajudá-lo a esquecer Rosalina. Na obra traduzida diz: “– Vou cumprir minha promessa de ajudar a esquecer-la. Caso contrário, morrerei com uma dívida para contigo” (SHAKESPEARE, 1998, p. 20). Na

adaptação: "- Vamos fazer um acordo. Eu vou me empenhar com todas as minhas forças na tarefa de abrir o coração dela para você. Enquanto isso tente tirar essa moça da cabeça" (SHAKESPEARE, 2009, p.14). Nota-se que não é uma deturpação de sentido, mas simples falta de clareza na elaboração da frase.

Pedro Garcez, adaptador da obra, apegou-se à primeira redação da obra. Observou-se na leitura, a intenção de retratar ao máximo as idéias trazidas por Shakespeare, à reprodução da sociedade inserida na obra e o conservadorismo relativo às frases do autor, desde que não intervissem na compreensão. Em alguns trechos, palavras foram substituídas por sinônimos, ou mesmo excluídas para melhor entendimento do leitor.

O principal objetivo da leitura de uma adaptação literária é despertar o interesse do leitor para a leitura de obras clássicas, através de uma linguagem e vocabulário mais acessíveis. A obra adaptada em questão consegue este intento, pois utiliza outros formatos de leitura para chamar a atenção do leitor, como imagens, curiosidades, informações extras sobre o texto, etc.

11.2 Dom Quixote: Miguel de Cervantes Saavedra

Nas estantes literárias, a obra "Dom Quixote" é uma figura inseparável da literatura espanhola. Cervantes nasceu no ano 1547 e veio a falecer em 1616, coincidência ou não, no mesmo ano que William Shakespeare. Modelo de diversos escritores, sua obra foi imortalizada. Seus personagens "Dom Quixote" e "Sancho Pança" vagueiam na reminiscência da memória coletiva.

Com a prensa mecânica no século XVI, houve uma grande oportunidade para difusão e disseminação da informação, o que antes era bem de poucos e não possuía visibilidade, "de um dia para o outro", obras literárias espalharam-se com rapidez, impressos foram distribuídos em grandes quantias. Com a tipografia o comércio livreiro beneficiou-se, pois um novo público leitor surgiu não mais restrito a letrados e sacerdotistas.

A obra "Dom Quixote" foi lançada no período do Renascimento em distintas regiões, acarretando imitações. Para não perder a autoria, Cervantes, viu-se

obrigado a escrever e publicar um segundo volume. O título original da obra é: “El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha”.

A leitura começou a ser objeto de explicações e discussões. Período este em que a Europa manifestava vertentes conflituosas na sociedade. Entrou no cenário a Reforma e a Contra-Reforma. Mesmo com desavenças, havia consenso entre as vertentes que a leitura deveria ser condenada.

A obra de Miguel de Cervantes foi “recriada” inúmeras vezes. O termo “recriar” emprego à adaptação por esta acarretar diversos e distintos significados, como percebido no caminho transcorrido até aqui. Na adaptação da coleção “É só o Começo”, na qual pretende ser fiel ao original, modifica-se apenas os vocábulos para melhor compreensão do texto; já a adaptação que se propõe a transformar totalmente a obra, percebe-se o quanto propicia liberdade à criação do autor e/ou adaptador. Prado (2007) cita os grandes “recriadores” da obra “Dom Quixote”.

[. . .] com o texto de Carl Jansen, escritores como Monteiro Lobato, Fernando Py, Origenes Lessa, Tereza Noronha, Luiz Antonio, Antônio Abarran, José Angeline, Walcyr Carrasco, Ferreira Gullar e Ana Maria Machado têm apresentado suas leituras e contribuído para difusão da imagem do imortal cavaleiro. (PRADO, 2007, p.12).

Ao ler a obra, tradução de Viscondes de Castilhos e Azevedo, da editora L&PM, ficou clara a magnitude da obra que se encontrava em minha posse, sua beleza é indescritível. Cervantes, logo no início, no prólogo, já demonstra a sua grandiosidade como criador e autor. Inicia com a seguinte explicação:

Desocupado leitor, não preciso de prestar aqui um juramento para que creias com toda a minha vontade quisera que este livro, como filho do entendimento, fosse o mais formoso, o mais galhardo e discreto que se pudesse imaginar: porém não estive na minha mão contravir à ordem da natureza, na qual cada cousa gera outra que se assemelhe; que podia portanto o meu engenho, estéril e mal cultivado, produzir neste mundo, senão a história de um filho magro, seco e enrugado, caprichoso e cheio de pensamentos vários, e nunca imaginados de outra alguma pessoa? [. . .] (CERVANTES, 2007, p.9).

No decorrer da leitura, percebemos o quanto Cervantes através de certo sarcasmo em relação à sua obra, a expõe de maneira brilhante. Consegue mexer com o leitor, convida a contrariá-lo em várias ocasiões, quer que o senso crítico extrapole a passividade da leitura. Impele o leitor a posicionar-se diante de um personagem que, de maneira sutil, nem por isso menos impactante, apresenta adversidades do ser humano e do mundo. A compleição esquelética de Dom Quixote nos prova claramente isso, simbolizando as fraquezas do ser humano.

Notória em Cervantes é sua inquietação com leitor, pois já de início coloca seu receio à reação deste com a obra, sem perder o lado provocante. Utilizando-se do sarcasmo, coloca que seu “fruto” é como se fosse um filho, mas que sabe de seus defeitos. Apresenta-se, como padrasto de tal. Apesar de sua preocupação, sabe e considera a liberdade do leitor em rechaçar sua obra.

Acontece muitas vezes ter um pai um filho feio e extremamente desengraçado, mas o amor paternal lhe põe uma venda nos olhos para que não veja as próprias deficiências; antes as julga como discrições e lindezas, e está sempre a contá-las aos seus amigos, como agudezas e donaires. Porém eu, que, ainda que pareço pai, não sou contudo senão padrasto de Dom Quixote, não quero deixar-me ir com a corrente do uso, nem pedir-te, quase com lágrimas nos olhos, como fazem por aí muitos, que tu, leitor caríssimo, me perdoes ou desculpes as faltas que encontrares e descobrires neste meu filho [. . .]. (CERVANTES, 2007, p.9).

Cervantes inicia cada capítulo de forma peculiar, pois não é apenas um cabeçalho que nos apresenta para introduzir suas peripécias, mas sim, um resumo dos acontecimentos que irão se passar no mesmo. Nota-se que até mesmo nesta peculiaridade de sua obra há “presença de espírito” do autor. A respeito desta entrada na introdução de cada capítulo, Oliveira (2007), em seu artigo que compara a obra de Cervantes com a do adaptador Ferreira Gullar, coloca:

O leitor moderno e iniciante, em geral, tem pressa. E Gullar sabe disso. Em 221 páginas o escritor - adaptador apresenta a essência da obra Cervantina: as aventuras de Dom Quixote e de seu fiel escudeiro, Sancho Pança. (OLIVEIRA, 2007, p.203).

Visão, a meu ver, equivocada, pois a estrutura proposta por Cervantes, já era moderna para seu tempo; hoje, esta caberia na literatura sem maiores problemas. Talvez, seja a preocupação de simplificar a literatura que alunos e leitores, perdem a chance de conhecer novos estilos literários. A redução pela qual a literatura passa, é preocupante.

Através da “carcaça da loucura”, Dom Quixote, nome do personagem, discorre em suas “falanças” a verdade mascarada de insanidade, fala o que quer. O fanatismo pelas histórias da cavalaria o impele a tornar-se “cavaleiro andante”, em busca de situações que lhe digam que é realmente cavaleiro, com direito até a uma musa, Dulcinéia del Toboso – a personagem representa o lirismo da literatura proposta a figura dramática de Dom Quixote. Chega a ser engraçado o personagem, que se utiliza do discurso das personalidades das obras de cavalaria para manter suas conversas, até mesmo nas lutas este “vivencia” as histórias lidas, mas a realidade acaba sempre intervindo em suas aventuras. Na figura de Dom Quixote, Cervantes tentou representar o império espanhol, sendo uma metáfora a decadência pelo qual passava, os sucessos almejados por Dom Quixote não eram alcançados sem os “instrumentos necessários para levá-los ao fim”, alusão à armadura precária da figura dramática.

Cervantes descreve Sancho Pança, fiel escudeiro, como: “Homem de bem, mas de pouco sal na moleirinha”, sátira de um personagem que representa o lado racional do homem, mesmo que agregue, muitas vezes, as maluquices de seu amo. A Sancho Pança cabe a sanidade com ditos populares e ânsia de se tornar senhor de terras. Acredita que com a primeira batalha ganha, receberá de seu senhor uma ilha e, que será dela o governante. Nas histórias de cavalaria era comum tal ato de “honraria” para com o escudeiro. Apesar de tantas brigas mal sucedidas, Sancho recebe a ilha a qual tanto almejava, mas acaba renunciando a ela por passar maus bocados nesta. Personagem engraçado e de certa forma interesseiro, aceita as situações que Dom Quixote imagina em prol de sua tão desejada ilha.

A personalidade forte intrínseca ao personagem de Dom Quixote é outro fator a destacar, por mais que o leitor pense em sua insanidade, Cervantes coloca-o diante de cenas e pensamentos com o personagem, que leva a dúvida da correta interpretação deste. A complexidade inerente ao personagem coloca o leitor em diversas discussões consigo mesmo. Fato a destacar é quando Dom Quixote, depois de um período de andanças retorna a sua casa e descobre que está sem

seus livros. Acredita na desculpa de sua sobrinha de que foi um feiticeiro que os levou. A partir de então, recorre à imaginação, dizendo o nome de quem levou suas obras literárias e complementa proferindo que o feiticeiro é um grande inimigo que ajuda um cavaleiro que posteriormente duelará. A imaginação hiperativa, durante duas semanas centra-se para travar diálogos coerentes com amigos que o visitam. Cena impactante, pois todo o caminho transcorrido levava a crer na insanidade do personagem. De uma hora para outra, demonstra domínio de suas faculdades mentais e consciência da realidade que o cerca. Tanto que quando Dom Quixote "enfrenta" os moinhos, pensando ser gigantes, Sancho diz para ele que são simples moinhos, a qual este responde "Logo se vê, que não és versado em livros de aventura". Portanto, só quem não leu os livros de cavalaria não consegue imaginá-los. Confirma com esta passagem que a "loucura" tão enfatizada do personagem, não passa de uma imaginação fértil, pois ele sabe do que ocorre a sua volta, mas prefere vivenciar situações mais interessantes, embora irreais.

Outra entrada, igualmente interessante, é quando Sancho começa a duvidar da veracidade das histórias de Dom Quixote, colocando em dúvida sua sanidade, a qual este responde: "Pois é possível que andando comigo há tanto tempo, ainda não tenhas reconhecido que todas as cousas dos cavaleiros andantes parecem quimeras, tolices e desatinos, e são ao contrário realidades?" (CERVANTES, 2010, p.223). Deixando claro que sabe o que acontece a sua volta, mas que, como é sua preferência, vivencia as histórias de cavalaria lidas.

Na passagem que seguirá, Dom Quixote pede para Sancho entregar uma carta para Dulcinéia De Toboso, contando suas façanhas. Ao chegar, Dom Quixote o indaga como foi esta entrega:

- Nada disso me desconta; podes continuar – disse Dom Quixote – Chegastes, e o que estava fazendo aquela rainha da formosura? Aposto que a achaste a enfiar pérolas, ou bordando alguma empresa com canotilho de ouro, para este seu cativo cavaleiro.
- Qual!- respondeu Sancho - Achei-a a joeirar duas fangas de trigo num pátio da casa.
- Pois faze de conta - disse Dom Quixote - que os grãos desse trigo eram aljôfares logo que ela lhes tocava. Reparaste amigo, se o trigo era candial ou tremes?
- Nada; era dumas alimpas - respondeu Sancho.
- Pois assevero-te – disse Dom Quixote - que depois de joeirado por ela havia de deitar farinha candial infalivelmente. Mas passa adiante. Quando lhe deste a minha carta, beijou-a? [. . .].” (CERVANTES,2010, p.292).

Admira-se com esta passagem e com outras, que Dom Quixote sabe que sua amada, na realidade não é princesa, mas uma simples trabalhadora, que prefere vê-la como tal para dar prosseguimento a sua fantasia.

Na morte, percebe-se o mesmo princípio da sanidade emergindo sob a loucura, este passa a rechaçar sua vida como cavaleiro andante, colocando nesta a culpa de sua “loucura”. Os livros, na visão deste, passam a representar o perigo se lidos sem os “cuidados necessários” e que seus ideais eram servidos como chacota. “[. . .] em um processo de conscientização, percebe como seus ideais se transformaram em motivo de profunda vergonha: por fim, vê suas ilusões com clareza, vive um momento de absoluta lucidez e morre” (SCHWANITZ, 2007, p.191).

Bloom (2001) aborda em sua obra a mesma convicção da não loucura do personagem.

Tanto quanto Hamlet, o Dom nada tem de louco, nem de bobo (o mesmo pode ser dito de Sancho). Como o Príncipe Hal e Falstaff, o Dom e Sancho estão envolvidos em um jogo complexo, felizmente, sem ambivalência. Trata-se de um jogo de tamanha complexidade que o leitor está fadado a construir o seu próprio Dom Quixote, pois Cervantes, mais uma vez, tanto quanto Shakespeare é tão imparcial quanto complexo. Contrariando Unamuno, crítico de Cervantes que mais me agrada, muitos estudiosos defendem Erich Auerbach, que via no romance uma alegria nada problemática. No entendimento de Unamuno, porém Quixote encarna o sentido trágico da vida, e a ‘loucura’ do Dom é um protesto contra a inevitabilidade da morte, podemos dizer, uma revolta contra o temperamento espanhol, que, em épocas distintas, cultua a morte. (BLOOM, 2001, p.142).

A obra, assim como outras tantas, em sua época, não foi bem recebida pela crítica que a caracterizou como grotesca, que não possuía mais do que ironia e diversão, muito comum em textos da época. Cervantes já imbuído de uma mentalidade moderna era crítico convicto da sociedade, de seus ideais e crenças. Daí a condenação aos livros proibidos imposto pela igreja católica.

[. . .] aproveitando que Dom Quixote dorme, seus dois amigos letrados, o cura e o barbeiro, invadem a biblioteca do fidalgo e eliminam as obras desaconselháveis. Ao entrarem, os dois homens estão acompanhados pela ama, que, contudo, recua, voltando logo em seguida acompanhada de água benta e hissopo, com o fito de pedir ao padre que exorcize o local. A criada teme que os livros carreguem consigo algum feitiço que possa contaminá-

los, assim como já haviam embruxado Dom Quixote. (ZILBERMAN, 2001, p.22).

Na obra encontram-se situações vivenciadas pelo próprio autor. Escrita quando este possuía por volta de seus sessenta anos, retrata, portanto, a imaginação veiculada às experiências vivenciadas pelo autor. É comum lermos como característica da obra, a historicidade, marcando-se na literatura como um documento histórico, fator que pode ser associado à inserção, em sua obra, de fatores associados a sua biografia.

Nas adaptações literárias, nas traduções e outras formas de se apresentarem leituras das obras originais, Aristóteles, já abordava o tema de que arte é imitada. Na fala de Dom Quixote deparamo-nos com a defesa da mesma ideia: “[. . .] se quando qualquer pintor quer sair famoso em sua arte, não procuram imitar os originais dos melhores pintores de que há notícia? Esta mesma regra se observa em todos os mais ofícios ou exercícios de monta com que se adornam as repúblicas (CERVANTES, 2010, p.220)”.

A adaptação de Pinto, não pretende substituir o original, confere a sua proposta inicial, incentiva a leitura do original, através de uma história simples, mas que instiga o leitor a procurar ou pelo menos se interessar pela leitura da primeira versão. Fica clara a perda do discurso literário de Cervantes, já que Pinto se propôs a fazer uma adaptação para um público onde o universo lingüístico passa longe da proposta do original. Assim como Pinto, outros escritores como Gullar e Monteiro Lobato, publicaram suas obras adaptadas com a finalidade de que através destas os leitores fossem instigados a procurarem obras que se aproximem cada vez mais do original.

12 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Esta investigação constitui-se em uma pesquisa de caráter qualitativo. A abordagem não se caracteriza por dados de cunho estatístico, visto que o estudo centra-se em como as adaptações de clássicos literários estimulam ou não a leitura das obras originais, onde a autora procura respostas mais subjetivas. Para representar este universo foi escolhido o Colégio Estadual Professor Nicolau Chiavaro Neto. Fizeram parte do desenvolvimento da pesquisa, duas turmas de sétima série, pois com o educando progredirá a análise do estímulo proporcionado por estas obras adaptadas para a leitura do original.

No mês de setembro de 2009, foi contatada a supervisão da escola sobre a possibilidade de realizar uma entrevista com alunos do Ensino Fundamental, objetivando análise do estímulo proporcionado com a leitura de adaptação de clássicos para com a leitura da obra original. Constatou-se que o professor de Português J.F desenvolvia práticas de leituras com seus alunos a partir das obras adaptadas da coleção “É só o Começo”, que pretendia no próximo ano trabalhar com outros títulos da coleção e que se pré-dispunha a colaborar com a pesquisa. Foi combinado com o professor, que no mês de março, entre os livros solicitados para leitura, estariam as obras Romeu e Julieta, de William Shakespeare e Dom Quixote, de Miguel de Cervantes Saavedra. Em abril, foram aplicadas as entrevistas com oito alunos-leitores, sendo quatro de cada turma, que escolheram as obras selecionadas.

Rica em dados descritivos, a pesquisa deu-se em um plano aberto e flexível, desenvolvendo-se em uma situação natural. A coleta de dados constituiu-se entrevistas semiestruturadas com alunos-leitores, o professor e o adaptador da coleção “É só o Começo”, buscando o entendimento de sua viabilidade no espaço da leitura, tendo na figura do pesquisador seu principal instrumento. Este possui contato direto com a situação estudada, retratando a perspectiva dos participantes. A escolha por uma pesquisa qualitativa deu-se justamente pela preocupação com o processo não somente com o produto.

12.1 Tipo de Pesquisa

A modalidade de estudo escolhida para ser trabalhada foi o estudo de caso, “[. . .] é a pesquisa sobre determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade que seja representativo de seu universo, para examinar aspectos variados de sua vida” (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2006, p. 62). O investigador visa à descoberta e observa novos elementos que possam surgir durante o estudo.

O trabalho enfatiza a compreensão e manifestação geral de um problema, utilizando-se para isso de depoimentos pessoais. O Estudo de Caso propicia a descoberta de novos elementos que surjam durante a sua evolução. A interpretação em contexto, o retratar a realidade de forma completa e a variedade de fontes de informação representam os diferentes e conflitantes pontos de vista presentes numa situação social, além de uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa. Assim, as manifestações pessoais, constituem o foco principal do estudo.

12.2 Sujeitos do Estudo

Os próprios alunos-leitores a quem as obras são destinadas pelo Programa do MEC responderam ao problema da pesquisa, assim como o professor ministrante e um adaptador da coleção “É só o Começo”. O critério escolhido para a seleção dos alunos foi os que leram as obras “Dom Quixote”, Miguel de Cervantes Saavedra e “Romeu e Julieta” de William Shakespeare e estarem cursando a sétima série do Colégio Estadual Professor Nicolau Chiavaro Neto. Optou-se pelas turmas de sétimas séries, devido ao grande uso que se faz de obras adaptadas em sala de aula neste nível. Em cada turma foi solicitado dois leitores voluntários para cada título. O método de escolha para o entrevistado foi a do voluntariado, pois assim, o aluno estaria mais disposto e interessado em responder as perguntas. O gênero, também não foi imposto. Decidiu-se que o adaptador deveria ser da coleção “É só o Começo”, sem delimitação da obra.

13 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Visando viabilizar a operação de coleta de dados, foi utilizada como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada com os alunos-leitores, o professor e o adaptador para averiguar como as práticas leitoras com adaptações literárias motivam ou não a leitura da obra original. Como embasamento para a compreensão da criação e desenvolvimento do projeto da coleção “É só o começo” idealizado pelo SESI, com apoio do MEC, UNESCO e outras entidades foi realizada entrevista semiestruturada com um adaptador da coleção.

A coleta e o registro de dados, porém, com toda a sua significação, não constituem, por si sós, uma pesquisa, mas sim técnicas específicas para a consecução dos objetivos da pesquisa. Seja qual for seu tipo, a pesquisa resulta da execução de inúmeras tarefas, desde a escolha do assunto até o relatório final, o que também implica a adoção simultânea e consecutiva de variadas técnicas em uma mesma pesquisa. (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2006, p. 62)

A entrevista estabelece a relação de interação entre quem pergunta e quem responde. A atmosfera impessoal possibilita ao pesquisador uma influência recíproca, permitindo a captação imediata da informação desejada. Na informalidade, podem-se abordar assuntos de natureza pessoal e íntima, sempre tendo em vista a ética no tratar e expor estas repostas. O principal benefício na visão da autora desta técnica é a oportunidade de retificar pontos que não estejam tornando eficaz a obtenção de informações desejadas. A entrevista semiestruturada permite, sem uma aplicação rígida, as necessárias adaptações que o pesquisador observar.

Os dados obtidos com a prática foram analisados e comparados com a literatura, identificando os pontos que demonstraram sintonia com o estudado. Os resultados obtidos serão expostos textualmente.

Realizou-se uma seleção das adaptações de literatura fornecidas pelo MEC à rede pública de ensino, foi escolhida a coleção “É só o Começo”, que se denominada também “Adaptação para novos leitores”, projeto voltado para adaptação de obras clássicas. A coleção é composta por nove títulos, de autores

nacionais e estrangeiros. Para melhor desenvolvimento do trabalho, foram escolhidos dois títulos de autores de distintas nacionalidades, sendo eles: “Dom Quixote”, Miguel de Cervantes e “Romeu e Julieta”, William Shakespeare.

Como auxílio à pesquisa contaram-se os adaptadores da coleção. Através de uma entrevista semiestruturada, objetivou-se conhecer a obra em sua totalidade, em como os adaptadores pensaram a coleção, como se deu o desenvolvimento desta, como estes a percebem, etc. Não se fixou um número previamente definidos adaptadores a serem entrevistados, pelas dificuldades inerentes à marcação de entrevistas com os mesmos.

Para garantir as condições da pesquisa, foram encaminhadas aos adaptadores cartas formais com informações sobre a pesquisa, solicitando colaboração para seu desenvolvimento. Para a utilização do método de entrevistas semiestruturadas em sala de aula, fez-se necessário um termo de autorização dos pais dos alunos, a fim de colocá-los a par do trabalho a ser desenvolvido.

A limitação da pesquisa encontrou-se nas dificuldades que surgiram ao longo do desenvolvimento do projeto, como o contato com adaptadores da coleção “É só o Começo” e a disponibilidade dos educadores. Inicialmente, seriam entrevistados dois professores, mas um acabou saindo da instituição.

A fidedignidade dos instrumentos foi previamente testada, através da aplicação de entrevistas com um aluno, o adaptador e o professor. Foi executada análise da congruência das respostas e compreensão das mesmas, por meio do uso de linguagem ideal e clareza adequada em todo instrumento.

14 ANÁLISE DOS DADOS

Para melhor compreensão da influência das adaptações literárias no Ensino Fundamental e o incentivo que estas proporcionam para a leitura da obra original, as questões foram elaboradas de acordo os pressupostos teóricos apresentados no estudo. A entrevista foi aplicada a alunos-leitores, professor e adaptadores literários da coleção “É só o Começo”.

As entrevistas foram realizadas no mês de abril de 2010. Para preservar as identidades dos entrevistados, seguirão os dados de cada um, identificando-os como “Entrevistado 1” até “Entrevistado 8”, para os alunos, J.F para o professor e, P.S.A para o adaptador.

14.1 Análise dos Dados: entrevista com alunos-leitores

Os depoimentos de adolescentes que aceitaram de forma voluntária participar foram coletados para o estabelecimento de conexões e confrontos entre a teoria e a prática. Sendo uma pesquisa de cunho qualitativo, centrou-se na análise dos significados das leituras realizadas pelos sujeitos, correspondendo à faixa etária dos 12 aos 14 anos, abrangendo assim um período importante para a continuidade da leitura dos jovens. Para guiar a investigação, foram feitas sete perguntas abertas para os sujeitos alunos e leitores, objetivando verificar a motivação para a leitura da obra original gerada com a leitura da obra adaptada.

Fator interessante a destacar é que dos oito sujeitos entrevistados, seis eram do sexo feminino e dois do masculino. Como não foi determinada a quantidade de entrevistados para cada gênero, pois estes se apresentaram espontaneamente, o que acabou havendo um desequilíbrio. Considera-se amostra válida, apesar da maioria dos entrevistados serem do sexo feminino, não invalida a pesquisa, já que possuímos uma quantidade suficiente de entrevistados, e o sexo destes não interferiu no objetivo da coleta dos depoimentos.

Com a finalidade de coletar dados relevantes para revelar o perfil dos sujeitos, foram colhidos os seguintes dados: idade do participante (já que nosso foco está nas

sétimas séries, e a idade dos alunos diverge, dos 12 aos 14 anos, repercutindo nos gostos literários e interesses) e gênero (pelas tendências literárias). O grupo era composto por dois sujeitos com 12 anos (ambos do sexo feminino), dois com 14 anos (ambos do sexo feminino) e quatro com 13 anos (dois do sexo masculino e dois do sexo feminino).

Entrevistado 1:

Idade: 13 anos

Sexo: masculino

Título da obra lida: Dom Quixote

Entrevistado 2:

Idade: 13 anos

Sexo: masculino

Título da obra lida: Dom Quixote

Entrevistado 3:

Idade: 14 anos

Sexo: feminino

Título da obra lida: Dom Quixote

Entrevistado 4:

Idade: 13 anos

Sexo: feminino

Título da obra lida: Dom Quixote

Entrevistado 5:

Idade: 12 anos

Sexo: feminino

Título da obra lida: Romeu e Julieta

Entrevistado 6:

Idade: 13 anos

Sexo: feminino

Título da obra lida: Dom Quixote

Entrevistado 7:

Idade: 12 anos

Sexo: feminino

Título da obra lida: Romeu e Julieta

Entrevistado 8:

Idade: 14 anos

Sexo: feminino

Título da obra lida: Romeu e Julieta

Primeira pergunta: “Qual o título da obra lida e achou a leitura fácil?”

Quatro sujeitos (entrevistados 1, 2, 3, 4) responderam que leram “Dom Quixote”, Miguel de Cervantes Saavedra e quatro dos sujeitos (entrevistados 5, 6, 7, 8) optaram pela obra “Romeu e Julieta”, William Shakespeare.

Houve equilíbrio das escolhas. A obra de Cervantes, ao contrário do que se esperava, chamou atenção de duas entrevistadas, mesmo com “caráter mais aventureiro” e de dois entrevistados. “Romeu e Julieta” foi unânime nas escolhas femininas, averiguando-se que, apesar de a leitura feminina estar modificando-se, partindo para “novos horizontes”, estas ainda preferem o romantismo.

Os interesses literários de ambos os gêneros giram em torno de histórias sensacionalistas, de aventura, românticas, entre outras, como tendências literárias na faixa etária em questão, observa-se que as meninas ainda preferem as histórias românticas.

Quanto à facilidade da leitura, estes responderam:

Entrevistado 1: “Achei fácil e engraçada.”

Entrevistado 2: “Não muito.”

Entrevistado 3, 6,7: “Achei fácil e muito interessante.”

Entrevistado 4: “Sim, mas achei que algumas palavras eram difíceis de entender o que significavam.”

Entrevistado 5: “Achei a leitura fácil, pois as palavras nela escritas são muito comuns nos livros de hoje em dia.”

Entrevistado 8: “Sim.”

A quase unanimidade de concordância quanto à facilidade da leitura da obra adaptada, acarreta a verificação de que estas obras servem ao seu propósito. Através de uma linguagem simplificada, a obra se torna compreensível para um público que não está apto a ler uma obra com o linguajar mais complexo. Como observado, somente um entrevistado, não concordou que era uma leitura fácil e, o entrevistado 4, surpreendeu com a sua maturidade na resposta, de saber que a leitura era fácil e confessar que não tinha compreendido algumas palavras. Três dos entrevistados caracterizaram a obra como “interessante”, demonstrando mais uma vez a compreensão do leitor com estas obras.

Segunda pergunta: “Já tinha lido a obra não adaptada?”

Entrevistado 1, 4, 8: “Nunca tinha lido.”

Entrevistado 2, 6: “Não.”

Entrevistado 3: “Não, nunca experimentei ler.”

Entrevistado 5, 7: “Não, mas já tinha ouvido falar desta obra.”

A negativa das respostas caracteriza uma variável já esperada no trabalho. Almeja-se que a partir desta pergunta estes se interessem pela obra citada, instigando-os a conhecerem-na. Como observado à maioria nem sabia do primeiro manuscrito, o máximo que responderam foi “ouvi falar...”.

Terceira pergunta: “Que ideia você tem do que seja uma obra adaptada?”

Entrevistado 1: “Com muitas ilustrações, a letra graúda e a história mais resumida.”

Entrevistado 2: “Que seja melhor e mais fácil de ser lida.”

Entrevistado 3, 4, 6, 7, 8: “Penso que uma obra adaptada seja basicamente um resumo ou também uma amostra da obra verdadeira.”

Entrevistado 5: “É de fácil leitura e uma motivação para ler a obra original.”

Entrevistado 8: “Eu tinha a ideia que seja não toda a história que a original tem.”

Percebe-se a coerência de algumas respostas, certa aproximação com o que diz a literatura, mesmo com a explanação não completa. Por este motivo, achei interessante incluir a pergunta que segue, pois me pareceu que a questão da adaptação literária já tinha sido trabalhada em sala de aula.

Quarta pergunta “Já leu adaptações literárias antes e houve orientação do que seria uma adaptação?”

Todos responderam que sim, que o professor J.F já havia lhes dado uma explicação. Fator este louvável e incomum pois, como dito na introdução do presente trabalho, o que me levou a redigi-lo foi justamente a suposta falta de orientação e conhecimento dos alunos quanto à adaptação.

Quinta pergunta: “Tem conhecimento que o texto lido da coleção É só o Começo é adaptado de um clássico escrito em uma época anterior a nossa, com costumes de escrita, sociedade e culturas distintas?”.

Entrevistado 1, 2, 6, 7: “Não tenho”

Entrevistado 3: “Sim, no decorrer da minha leitura percebi que tanto a escrita como as palavras do texto são de tempos anteriores, ou seja, são de épocas, linguagens e costumes que não existem mais”

Entrevistado 4: “Não sabia deste detalhe, mas pelo jeito de falar dos personagens logo vi que a história era de uma época com costumes diferentes dos nossos atuais”

Entrevistado 5: “ Eu tenho o conhecimento que a obra de Dom Quixote foi feita há muitos anos atrás e seu autor já está morto”

Entrevistado 8: “Eu acho que é diferente de antes”

Cinco dos entrevistados demonstraram não ter atentado para estes fatores, somente dois responderam de forma concisa e um percebeu, mas não soube explicar esta percepção. Preocupante é o resultado, pois o que mais se prega na literatura clássica, são justamente estes fatores, que passam despercebidos pelos leitores. Chamo atenção para o depoimento do entrevistado 4, observou que algo estava diferente na leitura, mas ainda não havia se dado conta, quando perguntado a respeito deste aspecto, liga os fatores e explica-se repetindo o enunciado.

Talvez, a simplificação da linguagem passe a sensação de ser um texto atual, sei que muitos adaptadores pregam por este princípio, mas será que não estarão mostrando um texto distorcido? Que ao invés de estimularem o leitor a leitura do original, quando chegarem a estas obras decepcionados ficarão por perceberem que de certa forma foram iludidos, que o texto que agora possuem em mãos está longe de sua compreensão?

Sexta pergunta: “Após a leitura, tem curiosidade em buscar na biblioteca do colégio e/ou em outras bibliotecas, internet a obra original para conhecê-la? Por quê?”

Entrevistado 1, 2: “Não, porque tem muitas páginas”

Entrevistado 3: “Olha para ser sincera, não. Também não estou dizendo que a história seja ruim, mas é que não é bem este tipo de história que leio”

Entrevistado 4, 7, 8: “Sim. Porque quero saber qual a diferença entre a obra adaptada e a não adaptada”

Entrevistado 5: “Sim, talvez quando estiver mais velho, pois achei a obra bonita e engraçada”

Entrevistado 6: “Sim, porque eu achei a história muito interessante e eu adoro histórias de amor”

Os entrevistados de número 4, 5, 6, 7 e 8 responderam que tinham interesse. A entrevistada 3, que leu “Dom Quixote”, respondeu que não tinha interesse em procurar a obra original, justamente por não atender ao seu gosto literário. Os entrevistados 1 e 2, que não gostariam de ler o original, justificaram-se dizendo que a obra original contém muitas páginas, corroborando a idéia de que a literatura extensa, hoje, parece necessitar de uma redução. Estimula-se a fantasia

de que uma leitura curta remete ao conteúdo integral da obra, pensamento que espelha a obra “Fahrenheit 451”, que vê nos livros um perigo, chegando ao cúmulo de enxugar todas as informações.

Sétima pergunta: “Depois de ver as capas dos livros, qual chamou a atenção? Por quê?”

Entrevistado 1: “A capa do original, porque os cavalos são mais fortes, bonitos e no adaptado são fracos”

Entrevistado 2: “Da obra adaptada, porque é mais colorida, tem mais vida”

Entrevistado 3, 4, 5: “A capa que me chamou atenção foi a original, pois é mais concreta com a história “

Entrevistado 6, 7: “Foi do livro original porque eu acho que os anjinhos são Romeu e Julieta”

Entrevistado 8: “Chamou mais a minha atenção a obra original porque parece ser mais criativa e diferente”

Os entrevistados (1, 3, 4, 5, 6, 7, e 8) concluíram que a capa do original chama mais atenção. O entrevistado 2 gostou da capa adaptada. Conclui-se com esta disparidade, apensar de uma obra ser direcionada para um determinado público, no caso, jovens leitores, a capa da obra adaptada não lhes agradou, chamando-lhes atenção à obra original, que a princípio não foi feita com a proposta de ser dirigida ao público em questão. Percebeu-se que prezam pela fidelidade da ilustração ao conteúdo da obra lida, mesmo com uma visão ingênua, como explanada pelos sujeitos 6 e 7, que vêem nas estátuas, anjos, conectando-os a morte dos personagens.

14.2 Análise dos Dados: entrevista com o professor

A entrevista foi realizada no mês de abril, aplicada ao docente J.F. Possuía como objetivo explicitar a visão deste, enquanto professor e mediador da leitura.

Primeira pergunta: “É leitor/conhecedor das obras originais?”

J.F: “Sim, se trabalho com um texto adaptado falo, e se possível tento mostrar o original aos alunos.”

Objetivou-se com esta questão, verificar um caráter que se percebe deficiente na maioria das instituições de ensino no Brasil, o fato dos próprios professores não demonstrarem interesse pela obra pedida aos alunos, principalmente as clássicas. Há a cobrança da inserção de obras clássicas no ensino e que haja um trabalho com as mesmas. A adoção das obras clássicas adaptadas nas instituições educacionais aparece como uma promessa de “salvação” da literatura. O depoimento do professor demonstra um trabalho de aprendizagem com seus alunos e conhece as obras indicadas. Contente estou em saber que os alunos do ensino fundamental do Colégio Estadual Professor Nicolau Chiavaro Neto, estão tendo na figura de um professor um referencial de leitura. Sei também que não é uma realidade em todas as instituições de ensino, que bom fosse.

Segunda pergunta: “As obras clássicas adaptadas disponíveis na biblioteca escolar auxiliam o estímulo a leitura dos alunos? Por quê?”

J.F: “Estimulam e auxiliam a leitura, claro, também depende do apelo ou incentivo que o aluno recebe para tomar contato com a obra.”

A resposta dada pelo professor remete ao comentado anteriormente, sem estímulo, dificilmente o leitor se interessará pela obra clássica. O interesse depende, e muito, do professor, da instituição de ensino e da valorização da biblioteca. Cabe ao profissional atuante da biblioteca se fazer presente e participativo na instituição, demonstrando perante os docentes e alunos o setor fundamental que é, fazendo um trabalho em parceria e contínuo com os professores, deste modo, haverá sim, o incentivo,

Terceira pergunta: “Acha suficiente o número de exemplares enviados pelo MEC às Bibliotecas Escolares?”

J.F: “Não é suficiente. No mínimo deveriam vir 35 livros.”

As bibliotecas escolares sofrem com a falta de espaço físico e número de exemplares por obra na área de literatura. A saída que o professor encontrou para trabalhar a leitura com suas turmas, foi utilizar várias obras por vez. Isto dificulta o trabalho em sala de aula, pois os alunos interagem pouco com a obra, o ato da discussão sobre o texto se restringe a poucos alunos e, muitas vezes, o professor não pode atender a todos nesta atividade.

Quarta pergunta: “Há quanto tempo utiliza adaptações literárias com seus alunos?”

J.F: “Não sei precisar, as utilizo eventualmente. Utilizei há dois anos ‘A Odisséia’.”

Apesar das adaptações literárias datarem da época de Monteiro Lobato, no Brasil, seu uso é recente nas instituições escolares. A literatura adaptada ainda está passando pela “*adaptação ao ambiente*”. Lembro que ainda há discórdias entre estudiosos de seus danos e benfeitorias à literatura.

Quinta pergunta: “Percebe aceitação, por parte de outros professores que ensinam Português e/ou Literatura, a essas obras?”

J.F: “Infelizmente, nunca discutimos este assunto.”

Há muita discórdia entre o benefício e o malefício da utilização das obras literárias adaptadas. Objetivou-se com esta questão conferir se na instituição educacional em questão, por parte de professores, há aprovação de sua utilização em sala de aula, se não, quais seriam suas justificativas. Infelizmente, não foi possível fazer esta verificação, já que não houve este tipo de conversa. Por ser ainda um fator isolado, me parece que este tipo de discussão ainda não ocorreu entre os professores. A literatura adaptada encontra-se em acervos de praticamente todas as bibliotecas escolares (públicas e privadas) e bibliotecas públicas do país.

Sexta pergunta: “Quando trabalha as leituras, faz referência às obras originais às adaptadas?”

J.F: “Sim.”

Se o intuito de uma obra adaptada é levar ao conhecimento do leitor a história transmitida pela obra original, torná-la acessível, “legível” a um público que não está preparado para lê-la na íntegra é fator obrigatório. E se há a presença destas obras no ambiente educacional, torna-se obrigatório ao professor mostrar aos alunos a beleza da obra, indicar que a leitura partiu de um primeiro manuscrito, instigá-los a procurarem-na futuramente.

Sétima pergunta: “Acredita na contribuição de adaptação de clássicos literários para formação de leitores no Ensino Fundamental?”

J.F: “O importante é que tenham livros na escola, só poderão ler, tendo livros. Os livros adaptados, para mim, são bem vindos.”

O professor acredita na contribuição de tudo que possa passar informação, do que for lido, sem restrições. Agrega em seu sistema de ensino várias obras, mas deposita no acervo da Biblioteca da Escola o dever de lhe proporcionar subsídios que o auxiliem em seu trabalho.

Oitava Pergunta: “Esclarece aos alunos às diferenças existentes entre uma adaptação e a obra original?”

J.F: “Falo, por exemplo, no número de páginas, na quantidade de informação que contêm no texto original ...”

A esta pergunta, deveu-se o início do trabalho, já que foi notada a falta de esclarecimentos aos próprios leitores das diferenças existentes entre uma obra adaptada e a original. Apesar de o professor ter argumentado pouco na entrevista,

diz que faz um trabalho em torna das adaptações literárias com os alunos. A importância deste esclarecimento beneficia o educando e o próprio professor, pois em sua figura o aluno terá um interesse maior sobre a obra, esta passará a não ser vista apenas como mais um item a ser lido. Quando é feito o esclarecimento, o leitor sente-se motivado a ler a obra adaptada e posteriormente a original, justamente para procurar as características e fatos mencionados pelo professor.

Nona pergunta: “Que vantagens e/ou desvantagens percebe na adoção de adaptações de clássicos?”

J.F: “Desde que seja trabalhada com séries adequadas, até a sétima ou oitava não há desvantagem alguma. Teria desvantagem se trabalhado com o médio, penso que o médio possa ir direto ao original. Isso não exclui que um aluno do fundamental não possa ler o texto original, pois lerá com a compreensão que cada idade permite.”

Como mencionado diversas vezes, a questão das vantagens e desvantagens é motivo de discussão entre pesquisadores. A desvantagem apontada pelo educador cabe a maioria das obras adaptadas, mas deve-se atentar para o fato que mesmo para o ensino médio, algumas obras clássicas, ainda não estão prontas para o entendimento. Cito a obra “O guarani”, de José de Alencar e “O Uruguai”, de Basílio da Gama. A primeira caberia perfeitamente em nível de ensino médio, já a segunda oferece dificuldades até mesmo para um leitor mais experiente e sua adaptação é bem vinda, se bem feita. Azevedo (1999) adaptou “O Uruguai” e a obra foi bem recebida pelos professores nas escolas, pois estes têm que trabalhá-la em sala de aula e havia a dificuldade da compreensão. O respeito que o profissional J.F tem com a maturidade do aluno é louvável, entende as preferências literárias de seus educandos.

14.3 Análise dos Dados: entrevista com o adaptador literário

A entrevista com o adaptador literário P.S.A foi realizada no mês de abril. Objetivando a compreensão da criação e desenvolvimento do projeto da coleção “É só o começo” idealizado pelo SESI, com apoio do MEC, de UNESCO e de outras entidades, assim como a análise do estímulo proporcionado pelas obras adaptadas para a leitura do original na visão do adaptador literário. Coletou-se o depoimento a fim de compreender sua utilização em um contexto educacional.

Primeira pergunta: “Como percebe a adaptação literária de obras clássicas no Brasil? Acredita em um “campo fértil?”

P.S.A: “Não se pode dizer que a adaptação de obras literárias seja coisa nova no Brasil. Eu, por exemplo, me formei leitor lendo muitas adaptações da Coleção Saraiva (os Contos de Shakespeare, de Charles e Mary Lamb, talvez o maior clássico da adaptação), dezenas de títulos das Edições de Ouro e da Abril Cultural. Grandes escritores e tradutores brasileiros se dedicaram à adaptação: Paulo Mendes Campos, Miécio Táci, Marques Rebello, Lygia Fagundes Telles, entre muitos outros. Entretanto, sempre percebi, nos meios intelectualizados e, posteriormente, na academia, um grande preconceito contra a adaptação. Ela é antes um fato do que um campo de conhecimento. Um campo vasto e fertilíssimo para quem se preocupa com a formação do leitor, como eu. É um bom mercado, porque a língua não pára de evoluir, a distância linguística e estética se estabelece entre o texto e os leitores, INEVITAVELMENTE, e é preciso providenciar edições que consigam atingir um público enorme, pouco intelectualizado e mal-alfabetizado. E é um bom mercado para os escritores, cuja profissionalização ainda é problemática no Brasil.”

A resposta dada pelo adaptador sintetiza o referencial teórico do presente estudo. Existe um “campo fértil” sim para as adaptações literárias no Brasil, tanto que as editoras já atentaram para este fato. O cuidado a tomar com esta “avalanche” de edições adaptadas está justamente no uso que se faz, dos cuidados para com esta. Infelizmente, não podemos ainda deixar um leitor inexperiente, apropriar-se destas leituras de maneira aleatória pois, como já sabemos, existem as publicações

de má qualidade, assim como as reconhecidas pela qualidade, por exemplo, a série “Reencontro”. P.S.A menciona a sua própria profissão enquanto escritor de adaptações literárias, afirmando que é uma maneira de receber salário garantido, pois as editoras estão investindo neste mercado.

Segunda pergunta: “Os exemplares da coleção “É só o começo” fazem parte do projeto de valorização do livro – uma iniciativa do SESI, Serviço Social da Indústria. Como ocorreu o convite para participar deste projeto?”

P.S.A: “Minha tese de Doutorado foi uma teoria da Adaptação, exemplificada com uma versão de O Uruguai, de Basílio da Gama, para o leitor comum dos dias de hoje. Luís Augusto Fischer teve participação decisiva nessa tese, pois foi quem me sugeriu, anos antes de eu ingressar no PPGL da PUCRS, que adaptasse O Uruguai. Como ele estava no projeto, logo se lembrou de me convidar.”

Os adaptadores/escritores da coleção “É só o Começo”, são do Rio Grande do Sul, muitos da cidade de Porto Alegre e professores da UFRGS. P.S.A é graduado em Letras, Licenciado em Português e Literatura da Língua Portuguesa (1984) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Concluiu o mestrado em Linguística e Letras (1994) e doutorado em Letras (1999) na Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul. Como percebido por seu relato, já era estudioso e admirador das adaptações literárias, tanto que sua tese de doutorado foi direcionada ao assunto e a esta deveu-se o convite para a participação no projeto de elaborar uma adaptação literária da “Escrava Isaura”, de Bernardo Guimarães e “O guarani”, de José de Alencar. A titulação dos profissionais adaptadores foi um requisito para a sua contratação, demonstrando a preocupação de que os profissionais fossem qualificados para tal ato. A pergunta que segue é outro fator, que deve ser levado em conta.

Terceira pergunta: “Realizou adaptações literárias antes de ingressar no Projeto?”

P.S.A: “Respondida na anterior.”

O adaptador/escritor em sua tese de doutorado já havia adaptado a obra “O Uruguai”, Basílio da Gama. A experiência profissional o ajudou a estar mais seguro e apto à realização de seu trabalho como adaptador.

Quarta pergunta: “Como foi realizado o processo de adaptação?”

P.S.A: “Apliquei a minha própria teoria. Parto do texto original, e vou simplificando a sintaxe e o vocabulário. Dou atenção especial à explicitação de implícitos e pressupostos do texto original que não sejam acessíveis aos leitores-alvo. Não concordo com o critério da coleção, no que diz respeito à extensão das obras. Para mim, um neoleitor não precisa de resumos. Parece-me uma percepção equivocada supor que, por ter sido alfabetizado há pouco tempo, um adulto tenha medo de ou não tenha fôlego para ler textos longos. Lembro-me dos comentários de Paulo Freire sobre a necessidade de a leitura estar inserida num processo de participação política do sujeito em busca de autonomia; transpondo a situação para a realidade atual da adaptação de obras literárias, podemos dizer que, se o livro é percebido pelo neoleitor como parte de seu processo pessoal de construção de uma identidade, se é percebido como um texto cujo conhecimento vai representar uma transformação na vida do sujeito leitor, este vai se dedicar à leitura mesmo que demore, que fique semanas debruçado em cima do livro. Essas pessoas assistem a looongas telenovelas, lêem textos ininteligíveis da Bíblia: é tudo uma questão de selecionar textos que sejam impactantes e "formativos", critérios que vêm sendo seguidos exemplarmente pela Coleção.”

Um profissional que se preocupa com os processos de uma adaptação literária demonstra o seu apreço por uma literatura de qualidade. Cabe ao adaptador a função de mediador e incentivador no processo da leitura. Um escritor/adaptador engajado em sua proposta, trará grandes vantagens ao meio literário, começando pela valorização das adaptações de obras clássicas que não está em destaque no Brasil, apesar de sua presença nos acervos das bibliotecas. A importância da delimitação e do foco em determinado grupo de leitores é o primeiro passo para o adaptador sentir-se seguro de que estará respeitando os leitores. O respeito à obra original é outro ponto a ser destacado, pois a função do adaptador é adequar uma obra a uma realidade compatível ao entendimento do leitor, mas não o exime do

acatamento da essência da primeira obra, para não se ter ao final um simples resumo, que não instiga os leitores a saberem mais sobre a obra lida.

Quinta pergunta: “Acredita na contribuição de adaptação de clássicos literários para formação de leitores no Ensino Fundamental?”

P.S.A: “A adaptação de clássicos é ESSENCIAL para a formação de leitores...”

No presente estudo temos dois relatos favoráveis à utilização de adaptações literárias, por profissionais distintos, mas que se unem no processo de aprendizagem, professor e adaptador/escritor, ambos voltados para o público leitor. Na figura dos dois profissionais temos os “mediadores”, os incentivadores a leitura através de seu trabalho. Com o trabalho do segundo cabe ao primeiro, em sala de aula, demonstrar o apreço pela literatura, realizando um trabalho de qualidade.

Sexta pergunta: “Como percebeu a repercussão de sua obra adaptada?”

P.S.A: “Infelizmente, ainda aguardo feedback.”

O MEC tem enviado obras clássicas adaptadas às Bibliotecas Escolares Públicas, e não há conversação sobre a utilização destas obras. Foram distribuídos ao ensino e os professores as estão utilizando, mesmo que não concordem, pois é o que está disponível. Engraçado que, quando se fala sobre as obras clássicas, o meio literário as louva e não questiona, mesmo que esteja em outro formato. Recaem na ideia da “boa literatura”. Talvez, seja por isso, que as adaptações não ganhem uma repercussão maior nos estudos, já que são obras consagradas e por autores igualmente consagrados, não percebem o trabalho do adaptador, não o veem como escritor da obra, que possa estar fazendo um trabalho de qualidade ou não para o meio literário.

Sétima pergunta: “Você se percebe como um mediador entre o leitor e a obra original?”

P.S.A: “Com muito orgulho. São muitas as manifestações entusiasmadas de leitores e professores que trabalharam com as duas edições de "meu" Uruguai. O testemunho quase unânime é de que a existência de um texto inteligível possibilitou o entendimento do original, inicialmente ilegível. Acredito que o mesmo aconteça com A escrava Isaura e O guarani, e venha a ocorrer com "meu" Hamlet, texto no qual estou trabalhando para a Coleção.”

Ao adaptador cabe a função de mediador entre o leitor e a versão primária da obra (a original). O adaptador reorganiza o que incluiria inicialmente, autor, obra e leitor para uma nova versão. Reconstrói a obra a fim de incluir elementos que a tornem mais compreensível ao leitor jovem ou imaturo literariamente. Como citado por Carvalho (2008) propicia o cruzamento das expectativas entre as obras literárias originais e o leitor infanto-juvenil. Além de mediador, pode-se afirmar que o adaptador acaba sendo um divulgador da obra, tanto para afastar o leitor quanto para aproximá-lo da obra original.

15 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Versões adaptadas de textos em que o gênero não faz mais parte da cultura literária de um determinado país é uma opção viável, já que a dificuldade inerente à leitura da obra primária prejudica o entendimento. Muitas vezes, uma obra passada na íntegra e em seu aspecto original para um leitor imaturo literariamente, pode acarretar seu afastamento de determinado autor.

Quando se discorre sobre a leitura da obra original, deve-se atentar para as dificuldades inerentes à língua, se esta for estrangeira. A tradução literária é um recurso comumente utilizado e aceito nos meios educacionais, cabendo estudos e especialistas voltados para sua prática. A adaptação surge com o mesmo intuito, o de retratar a obra literária. A tradução recorre, muitas vezes, à adaptação, para adequar uma ideia inserida pelo autor da obra original a uma língua que, muitas vezes, não possui uma tradução literal.

O Ministério da Educação e Cultura é uma fonte utilizada por vários setores da educação, principalmente, no que se refere à leitura; suas listas são comumente consultadas por educadores das mais diversas áreas. As adaptações literárias encontram-se nas bibliotecas escolares espalhadas pelo país e estão sendo utilizadas, seja a pedido de educadores a alunos ou por livre escolha destes. A real pergunta sobre esta prática é: estas obras realmente estimulam a leitura da obra original?

Não é novidade que as bibliotecas escolares da rede pública sofrem com a falta de infraestrutura, de atenção por parte de dirigentes institucionais e governamentais, assim como pessoal qualificado para administrá-las. Obras adaptadas são inseridas nos acervos sem uma supervisão adequada. Profissionais atuantes no ambiente da Biblioteca Escolar que poderiam trabalhar juntamente a unidade, por falta de treinamento e conhecimento, tornam-se obsoletos em um ambiente desconhecido e ignorado por estes.

O público leitor jovem está acostumado a realizar leituras com adaptações literárias, sem o real questionamento sobre o seu uso e funcionalidade no meio educacional. Claro, que as obras trazem consigo a denominação “obra adaptada” e o leitor consegue identificar uma proposta de leitura diferenciada. O preocupante é a

falta de explicação aos leitores, sobre o que seria uma obra adaptada, qual a sua finalidade.

Como apontado anteriormente, o estudo sobre o estímulo que estas obras proporcionam à leitura ou não da original, foi dado justamente pela ignorância dos alunos quanto ao que seria uma obra adaptada. As escolas as agregam no plano de ensino sem o mínimo de trabalho em torno destas. Trabalhos estes, que poderiam estar voltados à compreensão dos alunos quanto a sua funcionalidade no meio educacional, a demonstração da existência da obra original, enfim, metodologias de trabalhos que incentivem a leitura futura da obra original.

Problema identificado, partiu-se para as entrevistas com os alunos e leitores, pois a estes as obras são direcionadas. As respostas, em determinados momentos da entrevista demonstraram-se evasivas, mas isso se explica pela idade dos participantes e imaturidade literária. A entrevistadora pretendeu mostrar realmente o universo dos estudantes que vêm lendo as adaptações em sala de aula, por isso da preferência pela não intervenção nas respostas, justamente por não querer induzir a uma que não fosse equivalente ao entendimento do aluno.

As respostas confirmam os pressupostos teóricos abordados anteriormente. O simples aspecto dos sujeitos entrevistados se apresentarem de forma voluntária, demonstrou o interesse em participar da pesquisa. Ficou clara a motivação em ler a obra original, com exceção de alguns entrevistados, mais por fator de gosto literário, do que falta de motivação proporcionada com a leitura da obra adaptada. Os entrevistados J.F (professor) e P.S.A (adaptador) também concordam com esta motivação da leitura de uma obra adaptada, desde que seja orientada e a obra trabalhada de boa qualidade.

A realidade educacional, muitas vezes, não apresenta esta orientação sendo uma perda para o aluno. O fato de o professor J.F, apresentar um bom trabalho com seus alunos, pode não se estender a outras instituições educacionais. Um professor que consegue demonstrar aos alunos o seu gosto pela literatura, conseqüentemente, transfere ao aluno a ânsia pelo saber, pela leitura. Existe o incentivo à leitura da obra original se as adaptadas forem bem trabalhadas com os leitores e o adaptador engajado na proposta literária.

REFERÊNCIAS

ADAPTAÇÃO. In: HOUAISS, Antônio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. P. 2.745.

ALMEIDA, Henrique. Tradução ou Adaptação? – A Versão de Aquilino Ribeiro de Autores Clássicos. **Máthesis**, Viseu, n. 15, p.127-141, 2006. Disponível em: <http://z3950.crb.ucp.pt/biblioteca/Mathesis/Mat15/Mathesis15_127.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2010.

AMORIM, Lauro Maia. **Tradução e Adaptação**: encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, e Kim, de Rudyard Kipling. São Paulo: UNESP, 2005.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Eu, o Leitor. In: RÖSING, Tânia M .K.; ROSA, Luciana Lhullier; VERGAS, Maria Lúcia (Org.). **Questões de Vivências de Leitura**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2007. Cap. 1, p.11-16.

AZEVEDO, Paulo Seben. **Serás Lido, Uruguai?**: a contribuição de uma versão de O Uruguai, de Basílio da Gama, para uma teoria da adaptação. Porto Alegre: PUCRS, 1999. 243p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

BAMBERGER, Richard. Resultados da Pesquisa sobre Motivação para a Leitura e Interesses de Leitura. In: _____. **Como Incentivar o Hábito de Leitura**. São Paulo: Ática, 1977. P. 34-52.

BERNARDO, Gustavo. Pedagogia Fahrenheit. In: JOBIM, José Luís (Org.). **Literatura e Informação**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005, p.89-102. Disponível em: <<http://www.dubitoergosum.xpg.com.br/editor29.htm>>. Acesso em: 22 abr. 2010.

BLOOM, Harold. Romances: primeira parte. In: _____. **Como e Por que Ler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Cap. 2, p. 137-190.

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. São Paulo: Melhoramentos, 1953. 256 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)**: leitura e biblioteca nas escolas públicas Brasileiras. Brasília: Ministério da Educação, 2008. 129 p.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **A Adaptação Literária para Crianças e Jovens: Robinson Crusóe no Brasil**. Porto Alegre: PUCRS, 2006. 539 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=534>. Acesso em: 05 fev. 2010.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. A Adaptação Literária para Crianças e Jovens no Brasil e seus Adaptadores. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABALIC: tessituras, interações, convergências, 11, 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/047/DIOGENES_CARVALHO.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2010.

CASTRO, Maria da Conceição. **Língua e Literatura**. São Paulo: Saraiva, 1993. 304 p. 1 v.

CEITLIN, Lúcia Helena Freitas *et al.* A Puberdade. In: EIZIRIKI, Cláudio Laks; KAPCZINSKI; BASSOLS, Ana Maria Margareth Siqueira (Org.). **O Ciclo da Vida Humana: uma perspectiva psicodinâmica**. Porto Alegre: Artmed, 2001. P.117-126.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **Dom Quixote de La Mancha**. Porto Alegre: L&PM, 2010. 2 v.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **Dom Quixote**. Versão adaptada para neoleitores a partir do original em espanhol por Fabio Bortolazzo Pinto. Porto Alegre: L&PM; SESI, 2009. 96p.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. [Capa]. In: _____. Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha. 1ª. ed. Madrid: [s.n], 1605. Reproduzida em ESPINGARDAS e um livro de Papai Noel. Coluna assinada por Milton Hatoum. Terra Magazine, [S.l.], 5 dez. 2007. Disponível em:<<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI2125122-EI6619,00-Espingardas+e+um+livro+de+Papai+Noel.html>>. Acesso em: 01 mar. 2010.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto Flávio de Carvalho e. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2006. 242 p.

COELHO, Kelly Novaes. **A Literatura Infantil**. 4 ed. São Paulo: Quiron, 1987.

COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR NICOLAU CHIAVARO NETO. Regimento Escolar. Gravataí: Colégio Estadual Professor Nicolau Chiavaro Neto, 2001.

CORSO, Gizelle Kaminski. Adaptações de Textos Clássicos para a Literatura Infanto-Juvenil: uma alternativa?. **Revista de Literatura em Meio Digital**, Santa Catarina, v. 5, n. 7, 2007. Disponível em: <<http://www.mafua.ufsc.br/numero07/ensaios/corso.htm>>. Acesso em: 22 fev. 2010.

EIZIRIKI, Cláudio Laks; KAPCZINSKI; BASSOLS, Ana Maria Margareth Siqueira (Org.). **O Ciclo da Vida Humana: uma perspectiva psicodinâmica**. Porto Alegre: Artmed, 2001. 200 p.

GONÇALVES, Renata. Piaget e Vygotsky: diferenças e semelhanças. **Brasil Escola**, 2002. Disponível em: <<http://www.monografias.brasilecola.com/psicologia/piaget-vygotsky--diferencas-semelhancas.htm>>. Acesso em: 05 maio 2010.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da Leitura no Brasil. 2007. Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br/ipi/publier4.0/dados/anexos/48.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2010.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto alegre: Artmed, 2002. 96 p.

LOPES, Renato Gonçalves. Adaptação de Shakespeare para a Formação Literária. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABALIC: tessituras, interações, convergências, 11, 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/009/RENATO_LOPES.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2010.

LOMBARDO, Nádia Aparecida Marquini. Confronto entre a Obra Clássica e a Adaptação da Obra "O Crime do Padre Amaro". **Revista da Educação**, v. 5, n. 1, p. 45-50, jan./jun. 2005.

MANFRO, Gisele Gus; MALTZ, Sandra; ISOLAN, Luciano. A Criança de 0 a 3 anos. In: Eiziriki, Cláudio Laks; KAPCZINSKI; BASSOLS, Ana Maria Margareth Siqueira (Org.). **O Ciclo da Vida Humana: uma perspectiva psicodinâmica**. Porto Alegre: Artmed, 2001. P.73-89.

MARTÍNEZ, Lucila; CALVI, Gian. **Escola, Sala de Leitura e Bibliotecas Criativas: o espaço da comunidade**. São Paulo: Global, 2004. 159 p.

MARTINS, Maria Helena. **O Que é Leitura**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. 94 p.

MENDES, Patrícia dos Reis. **As Contribuições de Piaget e Vygotsky para a Formação do Professor(a) da Educação Infantil de 0 a 6 anos**. 2001. 62 p. Monografia, Curso de Pedagogia do Centro de Ciências Humanas e Educação da UNAMA, Universidade da Amazônia, Belém, 2001. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/as_contribuicoes_de_piaget_e_vygotsky.pdf>. Acesso em: 05 maio 2010.

MILANESI, Luiz. Introdução: questões em seqüência. In : _____. **Ordenar para Desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas**. São Paulo: Brasiliense, 1986. Cap. 1, p. 8-20.

MONTEIRO, Mário Feijó Borges. **Permanência e Mutações: o desafio de escrever adaptações escolares baseadas em clássicos da literatura**. Rio de Janeiro: PUCRJ, 2006. 248p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MOURA, Marto Moura; FARACO, Emílio. **Língua e Literatura**. 39. ed. São Paulo: Ática, 1997.

MUNDT, Renata de Souza Dias. A Adaptação na Tradução de Literatura Infanto-Juvenil: necessidade ou manipulação?. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABALIC: tessituras, interações, convergências, 11, 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/073/RENATA_MUNDT.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2009.

OLIVEIRA, Maria Lídia Simões de Oliveira. Dom Quixote na Pena de Gullar. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, p. 203-205, jan./jun. 2007.

OLIVEIRA, Marta K. de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo histórico**. São Paulo: Scipione, 1993. 109 p.

PIAGET, Jean. **A Construção do Real na Criança**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996. 392 p.

PRADO, Amaya Obata Mouriño de Almeida. **Adaptação, uma Leitura Possível: um estudo de Dom Quixote das crianças, de Monteiro Lobato.** 2007. 138 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2007. Disponível em: <http://www.cbc.ufms.br/tedesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=166>. Acesso em: 10 fev. 2010.

SCHWANITZ, Dietrich. A Literatura Européia. In: _____. **Cultura Geral: tudo o que se deve saber.** São Paulo: Martins Fontes, 2007. Cap. 2, p. 179-245.

SHAKESPEARE, William. [Capa]. In: _____. **Romeu e Julieta.** Tradução de Onestaldo de Pennafort. [S.l.]: Ministério da Educação e Saúde, 1940. 276 p. Reproduzida em **Sebo do Messias: a maior loja virtual de raros e usados no Brasil.** São Paulo: [s.n], [s.d]. Disponível em: <[http://www.sebodomessias.com.br/loja/\(S\(vm2akru5rpbmmtntiqxzfjb\)\)/detalheproduto.aspx?idItem=40556](http://www.sebodomessias.com.br/loja/(S(vm2akru5rpbmmtntiqxzfjb))/detalheproduto.aspx?idItem=40556)>. Acesso em: 15 jun.2010.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta.** Porto Alegre: L&PM, 1998. 162p.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta.** Versão adaptada para neoleitores a partir do original em inglês por Pedro Garcez. Porto Alegre: L&PM; SESI, 2009. 96p.

SILVA, Waldeck Carneiro da. Introdução ou Crítica ao Silêncio Consentido. In: _____. **Miséria da Biblioteca Escolar.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999. Cap. 1, p.13-29.

TRADUÇÃO. In: HOUAISS, Antônio. **Dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. P. 78.

UNESCO. Manifesto da IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar. São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2009.

VYGOTSKY, Lev Semynovich. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZILBERMAN, Regina. Segundo Grau, Vestibular e Literatura. In: _____. **A Leitura e o Ensino da Literatura.** São Paulo: Contexto, 1988. Cap. 2, p. 130-137.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Reação e História da Literatura**. São Paulo: Ática, 1989. 100 p.

ZILBERMAN, Regina. Ler faz Bem?. In: _____. **Fim do Livro, Fim dos Leitores?**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001. Cap. 2, p.19-38.

**APÊNDICE A - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM LEITORES DAS
OBRAS LITERÁRIAS ADAPTADAS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA
2010/1**

**ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS LEITORES DAS ADAPTAÇÕES
LITERÁRIAS**

Idade:

Sexo: () feminino () masculino

- 1- Qual o título da obra lida? Achou a leitura fácil?

- 2- Já tinha lido a obra não adaptada?

- 3- Que ideia você tem do que seja uma obra adaptada?

- 4- Já leu adaptações literárias antes? Houve orientação do que seria uma adaptação?

- 5- Tem conhecimento que o texto lido da coleção É só o Começo é adaptado de um clássico escrito em uma época anterior a nossa, com costumes de escrita, sociedade e cultura distintas?

- 6- Após a leitura, tem curiosidade em buscar na biblioteca do colégio e/ou em outras bibliotecas, internet a obra original para conhecê-la? Por quê?

- 7- Depois de ver as capas dos livros, qual chamou sua atenção? Por quê?

APÊNDICE B - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM O DOCENTE J.F

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA
2010/1**

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM O DOCENTE J.F

- 1- É leitor/conhecedor das obras originais?

- 2- As obras clássicas adaptadas disponíveis na biblioteca escolar auxiliam o estímulo a leitura dos alunos? Por quê?

- 3- Acha suficiente o número de exemplares enviados pelo MEC às Bibliotecas Escolares?

- 4- Há quanto tempo utiliza adaptações literárias com seus alunos?

- 5- Percebe aceitação, por parte de outros professores que ensinam Português e/ou Literatura, a essas obras?

- 6- Quando trabalha as leituras, faz referência às obras originais às adaptadas?

- 7- Acredita na contribuição de adaptação de clássicos literários para formação de leitores no Ensino Fundamental?

- 8- Esclarece aos alunos às diferenças existentes entre uma adaptação e a obra original?

- 9- Que vantagens e/ou desvantagens percebe na adoção de adaptações de clássicos?

APÊNDICE C - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM ADAPTADORES DA COLEÇÃO “É SÓ O COMEÇO”

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA
2010/1**

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM ADAPTADORES LITERÁRIOS

Prezado(a) _____,

meu nome é Gabriela, sou estudante de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e estou em pleno desenvolvimento de minha monografia de conclusão de curso, intitulada “Adaptação para novos leitores: como a literatura clássica fornecida às escolas do ensino público e utilizada pelos professores no processo de ensino estimula a leitura de obras originais”.

O estudo se propõe avaliar as adaptações literárias que são enviadas pelo governo, mais especificamente pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) às bibliotecas escolares. As obras que subsidiarão o trabalho fazem parte da coleção “É só o Começo”, visando à análise do estímulo proporcionado pelas obras adaptadas para a leitura do original.

Como embasamento para a compreensão da criação e desenvolvimento do projeto da coleção “É só o começo” idealizado pelo SESI, com apoio do MEC, UNESCO e outras entidades, pretendo coletar depoimentos de adaptadores que fizeram parte da confecção da coleção.

Gostaria de solicitar sua colaboração, respondendo as perguntas que seguem. Embora, seja composto por sete perguntas, poderá respondê-las de forma livre, até

mesmo ignorando itens. Tudo que tiver a acrescentar será bem recebido. Sinta-se à vontade para expor seu depoimento da melhor maneira que lhe convier.

Através dos e-mails gaby.mhd@hotmail.com e gaby.mhd@terra.com.br, estarei à disposição para qualquer dúvida que surja. Desde já agradeço atenção.

Atenciosamente,

Gabriela de Oliveira Vieira.

- 1- Como percebe a adaptação literária de obras clássicas no Brasil? Acredita em um “campo fértil”?
- 2- Os exemplares da coleção “É só o começo” fazem parte do projeto de valorização do livro – uma iniciativa do SESI, Serviço Social da Indústria. Como ocorreu o convite para participar deste projeto?
- 3- Realizou adaptações literárias antes de ingressar no Projeto?
- 4- Como foi realizado o processo de adaptação?
- 5- Acredita na contribuição de adaptação de clássicos literários para formação de leitores no Ensino Fundamental?
- 6- Como percebeu a repercussão de sua obra adaptada?
- 7- Você se percebe como um mediador entre o leitor e a obra original?

ANEXO A - CAPA DAS OBRAS “DOM QUIXOTE”

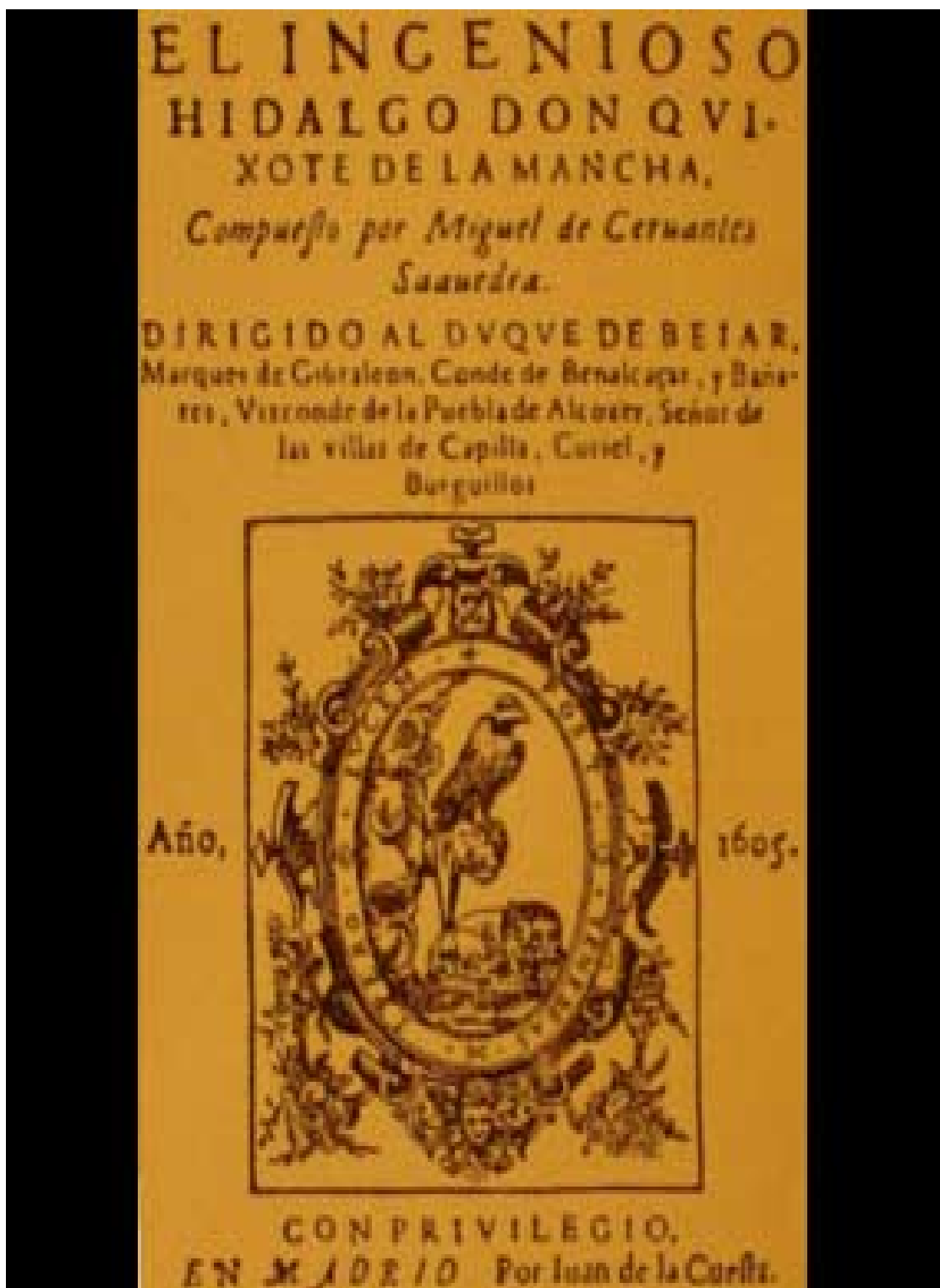


FIGURA 1 – Capa da obra “Dom Quixote” (primeira edição)
Fonte: CERVANTES SAAVEDRA, 1605, capa.

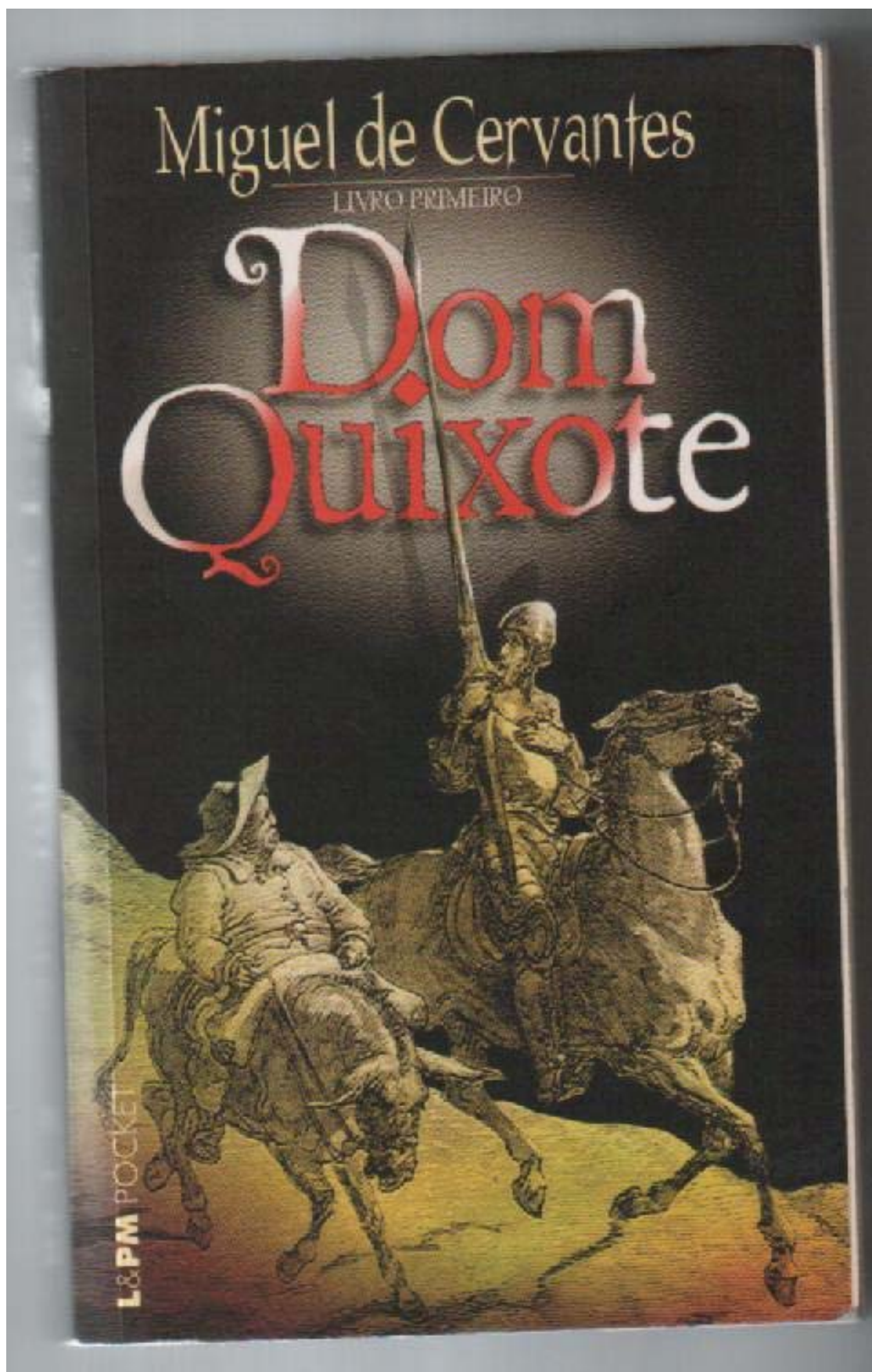


FIGURA 2 – Capa da obra “Dom Quixote” (versão traduzida)
Fonte: CERVANTES SAAVEDRA, 2007, capa. Reproduzida pela autora.

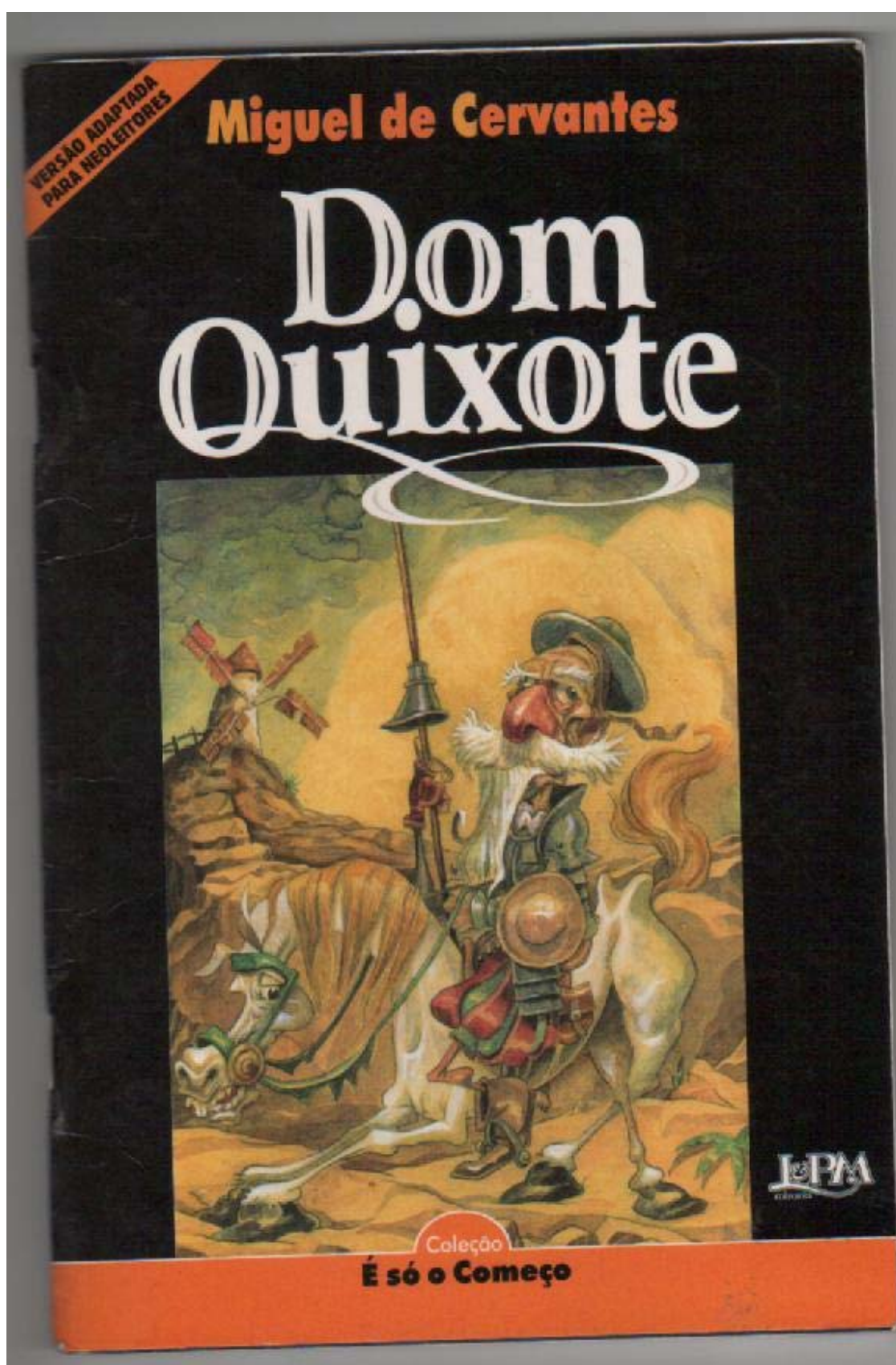


FIGURA 3 – Capa da obra “Dom Quixote” (versão adaptada)
Fonte: CERVANTES SAAVEDRA, 2009, capa. Reproduzida pela autora.

ANEXO B - CAPAS DAS OBRAS "ROMEU E JULIETA"



FIGURA 4 – Capa da obra “Romeu e Julieta” (edição do Ministério da Educação e Saúde)
Fonte: SHAKESPEARE, 1940, capa.

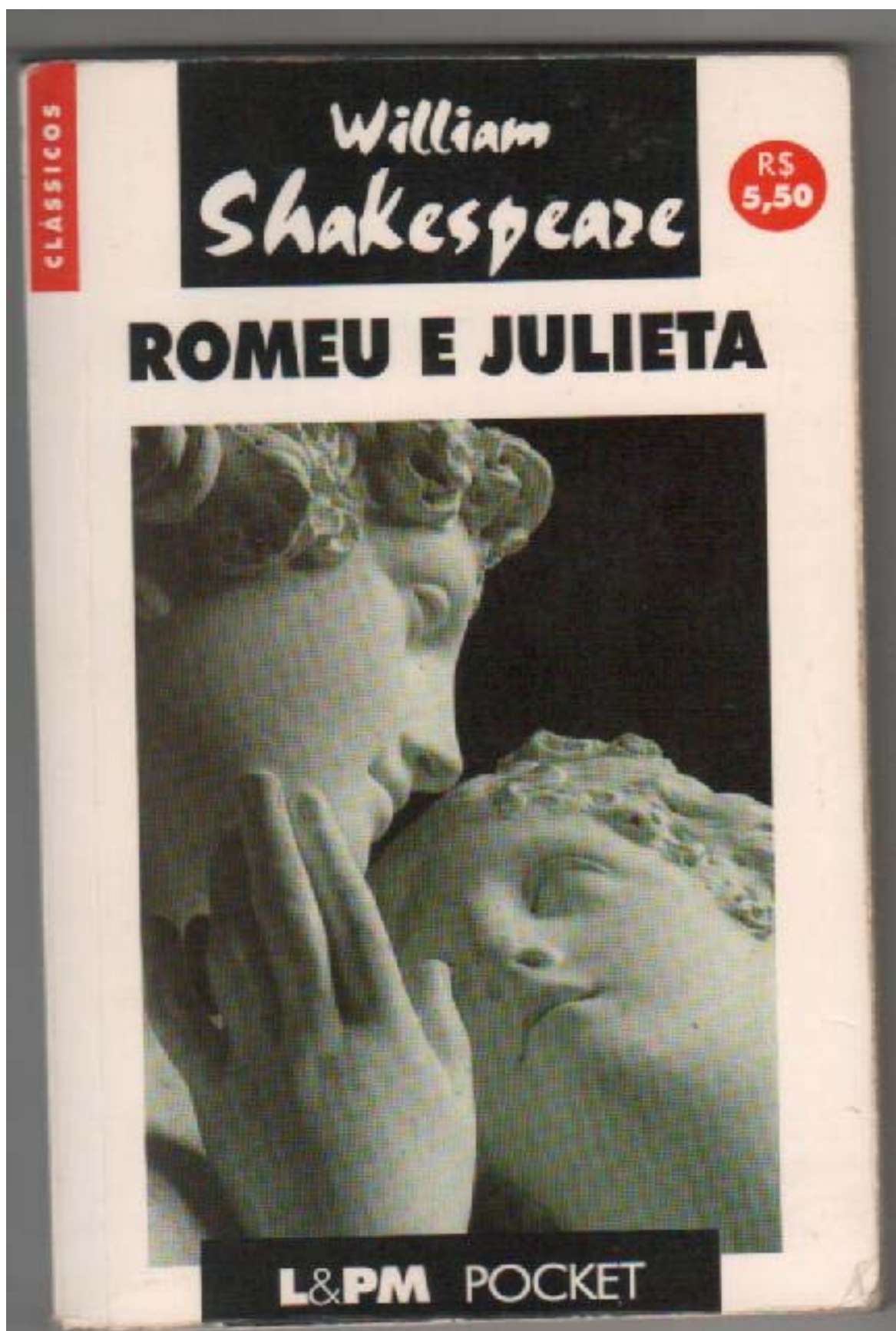


FIGURA 5 – Capa da obra “Romeu e Julieta” (versão traduzida)
Fonte: SHAKESPEARE, 2007, capa. Reproduzida pela autora.

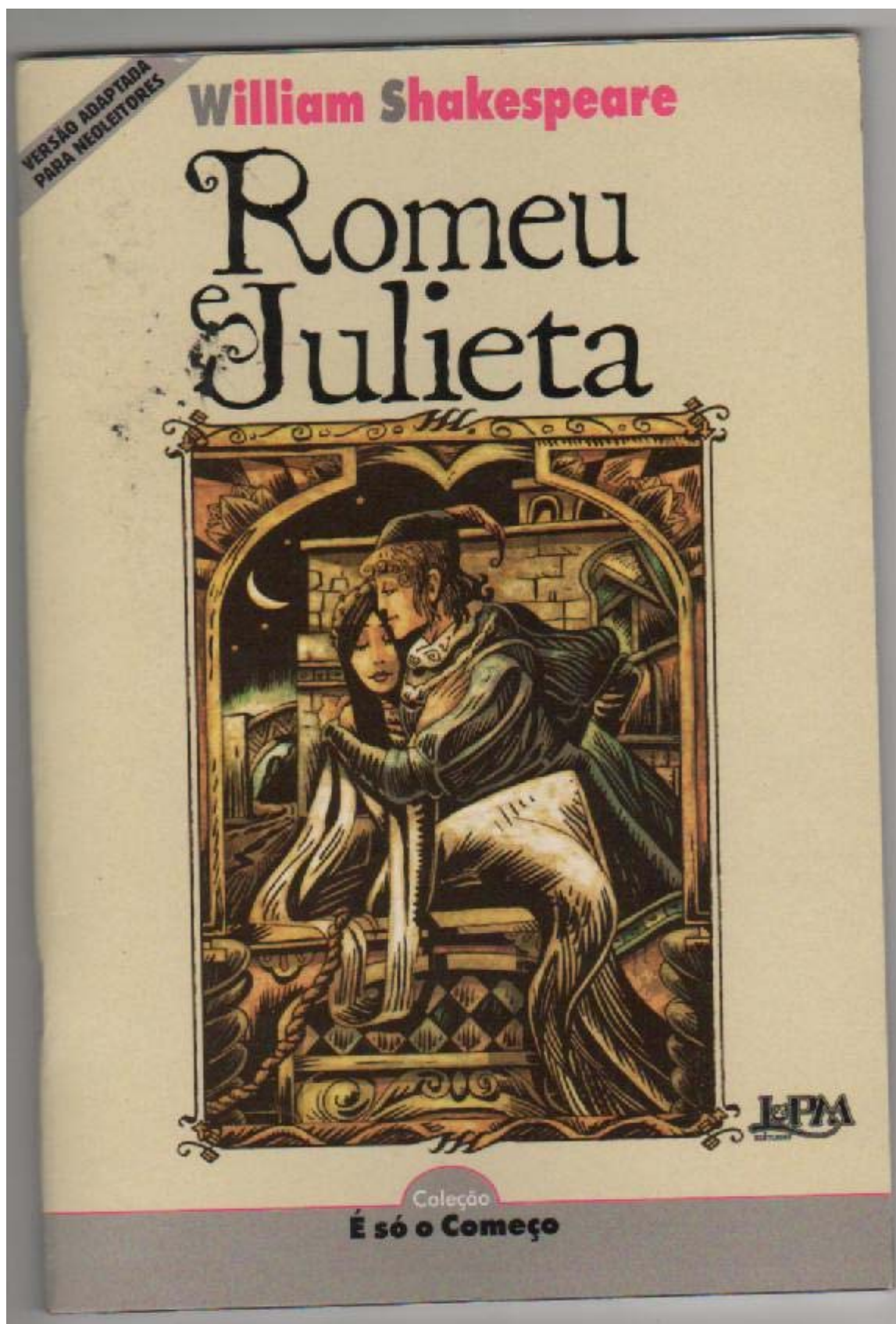


FIGURA 6 – Capa da obra “Romeu e Julieta” (versão adaptada)
Fonte: SHAKESPEARE, 2009, capa. Reproduzida pela autora.

ANEXO C - PREZADO LEITOR, PREZADA LEITORA

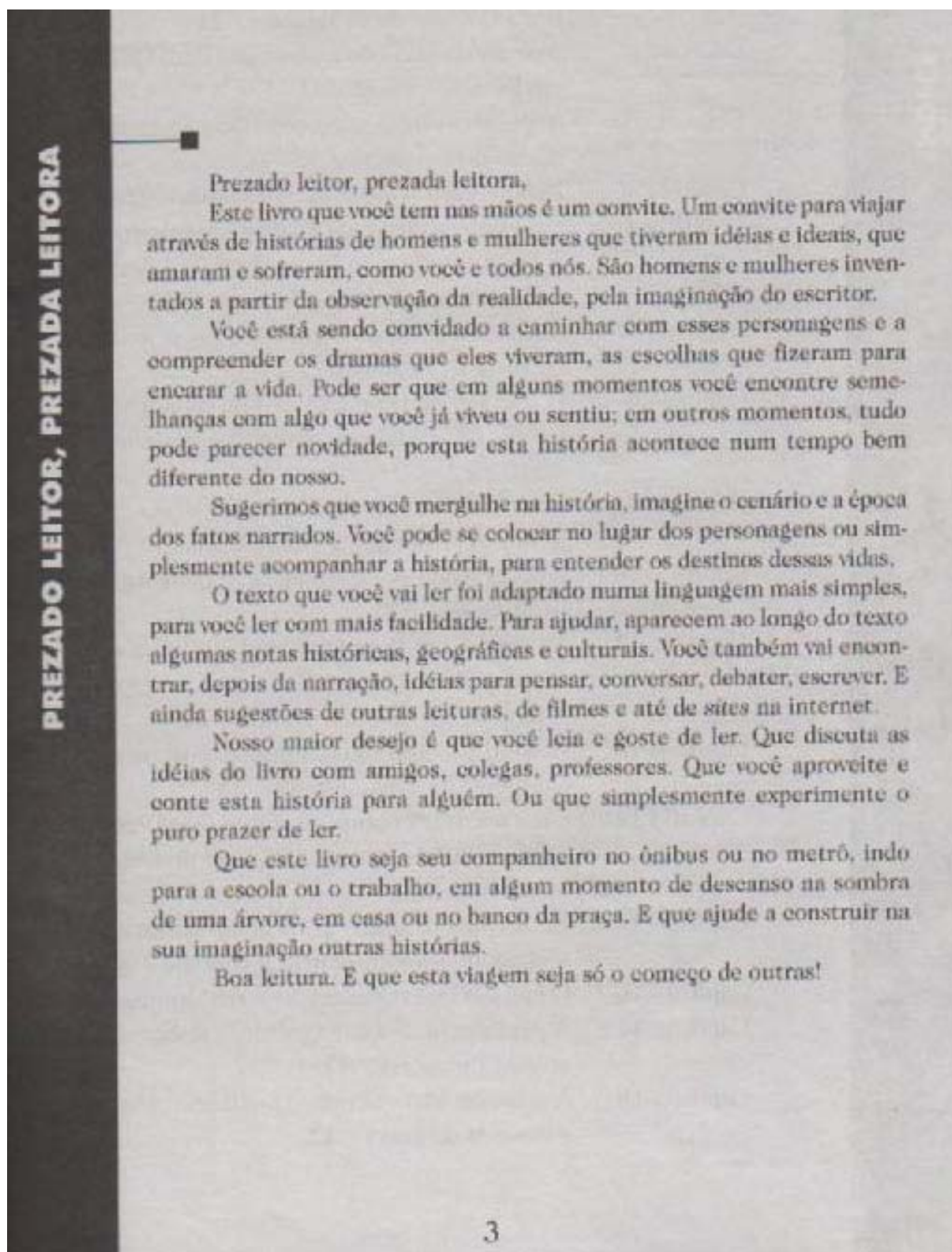


FIGURA 7 – Página da obra “Dom Quixote” (versão adaptada)
Fonte: CERVANTES SAAVEDRA, 2009, p.3. Reproduzida pela autora.

ANEXO D - ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS

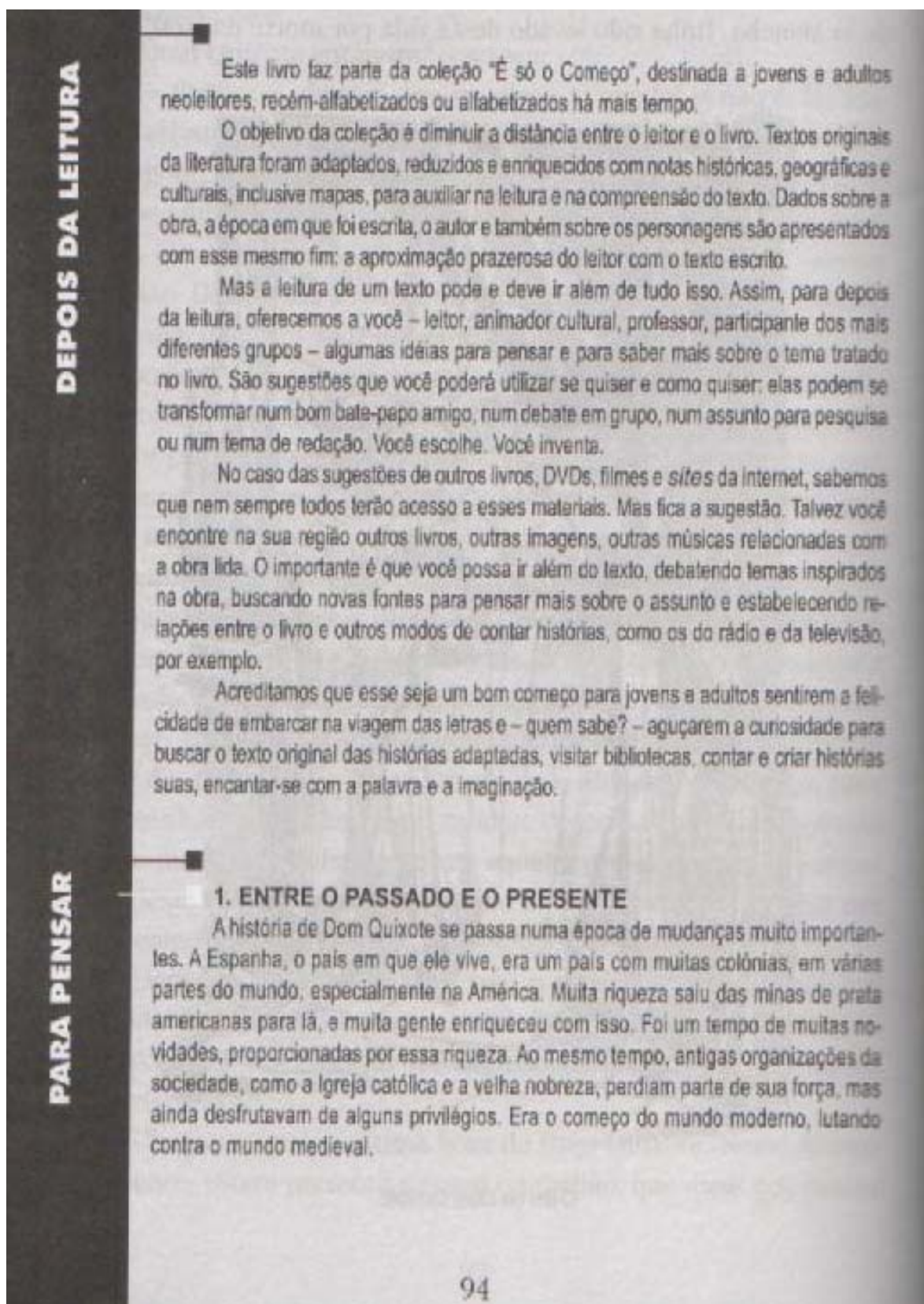


FIGURA 8 – Página da obra “Dom Quixote” (versão adaptada)
 Fonte: CERVANTES SAAVEDRA, 2009. p.94. Reproduzida pela autora.

Você conhece a história da colonização da América? Ouviu falar das minas de prata de Potosí e das riquezas que os espanhóis encontraram aqui no continente?

Você conhece a história da Inquisição, uma organização da Igreja católica que impedia muitas novidades de aparecerem?

Dentro da história contada por Cervantes, você identifica a força da nobreza e da Igreja? Que opinião você tem sobre essa força? Por que ela continuava a existir?

2. A VERDADE E A FANTASIA

Dom Quixote em vários momentos parece maluco, incapaz de diferenciar entre a realidade e a fantasia. Pode-se ver isso em vários momentos, por exemplo quando ele vê gigantes onde estão apenas moinhos de vento. Mas suas atitudes sempre são motivadas por bons sentimentos, o que nos faz sempre estar ao lado dele, entendendo sua maluquice e até torcendo por ele. Ele é bem um caso de um alucinado de bom coração.

Quais outros momentos você lembra dessa confusão entre verdade e loucura, ao longo do relato da história de Dom Quixote?

Como se comportam as pessoas que interagem com Dom Quixote? Os amigos deveriam ter agido de maneira diferente alguma vez? Por quê?

Como você considera o papel do Sancho, que o tempo todo sabe o que é real e o que não é, mas mesmo assim aceita a loucura de seu patrão?

3. LOUCURA, OPINIÃO PÚBLICA, AMIZADE

Essa comovente história de Dom Quixote nos faz pensar em muita coisa. Quando se lê o relato da paixão dele por Dulcinéia, a gente vê que se trata de um amor muito bonito, mas ao mesmo tempo sabe que é ilusão, porque não existe essa mulher que ele idolatra. Quando ele enfrenta a opinião pública, se vê a coragem de um homem que acredita no que pensa, mesmo que precise enfrentar todos. E quando a gente lê as passagens que falam da amizade de Sancho com ele, não há como não ficar comovido com aquela dedicação. O romance de Dom Quixote, no fim das contas, é um comentário comovente sobre as coisas mais importantes da vida, como o amor, a determinação e a amizade. É por esse motivo que este livro é considerado um dos melhores de todos os tempos, em todo o mundo.

Qual parte da história de Dom Quixote lhe pareceu mais interessante? Por quê?

Você se identificou com ele em alguma passagem do livro? Qual? Por quê? Ou se identificou com alguma outra personagem? Por quê?

Você acha que existe gente como ele ainda hoje, capaz de lutar por um ideal, mesmo que esse ideal seja inatingível? Como é essa gente?

FIGURA 9 – Página da obra “Dom Quixote” (versão adaptada)
Fonte: CERVANTES SAAVEDRA, 2009, p.95. Reproduzida pela autora.

FILMES

Don Quijote de la Mancha (Espanha, 1947). Direção de Rafael Gil. É uma narração direta da história, contendo os principais episódios do livro. É considerada uma das versões mais fiéis da obra de Cervantes.

La Mancha de Cervantes (Espanha, 1968). Direção de Ramón Mesats. Documentário sobre a região de La Mancha, onde Quixote vive.

LIVROS

A demanda do Santo Graal (Editado por Heitor Megale). As histórias do mundo medieval envolviam cavaleiros valentes, que dedicavam sua vida a ideais religiosos, como se pode ler nessa reunião de lendas, escrita em Portugal.

O rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda. Existem várias versões das lendas que envolvem os personagens da corte do rei Arthur. Nessas histórias, o ideal da cavalaria aparece nitidamente.

O guarani, de José de Alencar (Livro disponível em versão para neoleitores pela L&PM Editores). O escritor romântico brasileiro conta uma fábula do encontro entre colonizadores portugueses e índios brasileiros, em que o valente índio Peri é uma espécie de herói, parecido com os heróis dos romances de cavalaria.

SITES

<http://images.google.com/images?um=1&hl=en&rls=com.microsoft%3Apt-br%3AIE-SearchBox&q=%22Quijote> – Aqui se pode ver uma pequena parte da imensa variedade de ilustrações de Dom Quixote, de Sancho Pança e das aventuras dos dois heróis de Cervantes.

http://www.cervantesvirtual.com/bib_autor/Cervantes/ - Para quem lê em espanhol, este site contém um verdadeiro tesouro, com muitas informações sobre a época de Cervantes, sobre os livros que escreveu, sobre adaptações em música, teatro, dança, cinema e tudo o mais.

FIGURA 10 – Página da obra “Dom Quixote” (versão adaptada)
Fonte: CERVANTES SAAVEDRA, 2009, p.96. Reproduzida pela autora.

